

História Viva
O Generalato
de
Maria de Lourdes Machado RSCM
1975 - 1980
II



Fontes de Vida
Estudo e Reflexões Sobre a Herança das Rscm

Maria de Lourdes Machado, RSCM

História Viva

Generalato de Maria de Lourdes Machado, RSCM

Fontes de Vida

Edição: Fontes de Vida
Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Coleção: História Viva II

Capa: Poço da Casa Mãe das RSCM, em Béziers

Autora: Maria de Lourdes Machado, RSCM

Introdução Geral: Marjorie Keenan, RSCM

Revisão do Texto: Maria Angela Machado, RSCM

Diagramação: Centro de Fontes - Província Brasileira

Impressão: Gráfica Lastro



Centro de Fontes

Rua Cura D'Ars, 74 - Prado - CEP 30410-110

Belo Horizonte - MG - Tel.: (31) 3372.3470

email: cfontes@rscmb.com.br



Irmã Maria de Lourdes Machado

HISTÓRIA VIVA

II

Introdução Geral

O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria foi fundado em 1849, por Jean Gailhac, na cidade de Béziers, no sul da França, numa época de radicais convulsões sociais e políticas que levaram à declaração da França como República, em 1848.

Pouco depois de sua ordenação sacerdotal, Jean Gailhac tinha fundado um Refúgio para jovens que viviam na prostituição e também o Orfanato. Um seu amigo de infância, Eugène Cure, que tinha casado com Appollonie Péllissier, reconheceu a importância dos seus esforços e ambos apoiaram, de várias formas, as obras do Padre Gailhac. Quando Eugène Cure morreu repentinamente, Appollonie decidiu dedicar-se totalmente a Deus e às obras do Padre Gailhac.

O Padre Gailhac conhecia outras jovens que estavam ansiosas por serem religiosas e prontas para ajudá-lo nestas obras para mulheres e crianças que sofriam. Tinha chegado o momento de fundar uma congregação religiosa. O Bispo aprovou o seu plano e, a 24 de Fevereiro de 1849, nascia o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Desde o difícil período da sua fundação, nos campos social, econômico, político e religioso, até hoje, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tiveram treze Superiores Gerais. Cada uma delas enfrentou problemas únicos e desenvolveu novos ministérios para responder às necessidades do tempo. A série de quatro volumes *Uma Caminhada na Fé e no Tempo* conta-nos a história fascinante dos muitos desafios

que as Religiosas enfrentaram, assim como a sua expansão pela Irlanda, Inglaterra, Portugal e, indo mais distante, nos Estados Unidos.

Cinco das mais recentes Superiores Gerais aceitaram contar a história do Instituto durante os tempos tumultuosos, quer na Igreja quer no mundo, desde 1963 até hoje. A cada uma foi dada uma explicação comum da natureza e do projeto, chamado História Viva, mas com a liberdade de escrever o seu texto da forma que mais gostasse.

A Irmã Margarida Maria Gonçalves escreveu o primeiro volume desta Série. Foi Superiora Geral de Setembro de 1963 a Agosto de 1975. Foi um tempo de tremendas convulsões na Igreja e no mundo, entre as quais o Concílio Vaticano II e a Guerra do Vietname. Ambos afetaram quase todos os aspectos da vida política, social e eclesial.

A Irmã Maria de Lourdes Machado escreveu o presente volume - o segundo da Série História Viva, referente ao período de 1975 a 1980.

Irmã Maria de Lourdes nasceu a 21 de Março de 1924, em Rio Casca, Minas Gerais, Brasil. Depois de seus estudos para professora, no Colégio Sagrado Coração de Maria, em Ubá/ MG, exerceu ali esta profissão. Em 1944, foi professora no Colégio Sagrado Coração de Maria no Rio de Janeiro. Optou pela Vida Religiosa em 1945, permanecendo no Rio, onde fez os estudos superiores, na área das Letras, na PUC (Pontifícia Universidade Católica) no Rio de Janeiro. Tornou-se, mais tarde Diretora do Colégio, no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou como Diretora do Colégio Sagrado Coração de Maria, em Caxias dos Sul, RS.

Foi Superiora Provincial da Província Brasileira por dois mandatos - 1966 a 1969 e de 1972 a 1975. De 1969 a 1972, foi Conselheira Geral no governo de Ir. Margarida Maria Gonçalves.

O Capítulo Geral de 1975 elegeu Ir. Maria de Lourdes Machado como 9ª Superiora Geral do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Naquele Capítulo, o Instituto promulgou um documento profético, intitulado “Missão: Um Apelo à Justiça”, baseado no espírito do documento vindo do Segundo Sínodo dos Bispos, que declarava que a promoção da justiça fazia parte integrante da Missão da Igreja. É digno de destaque que a Irmã Maria de Lourdes Machado foi convidada pela Santa Sé a estar presente no encontro histórico dos Bispos da América Latina- CELAM- realizado em Puebla, México, em 1979.

Marjorie Keenan, RSCM
24 de Fevereiro de 2009

CAPÍTULO I

UM MUNDO E UMA IGREJA EM TRANSIÇÃO: 1975 – 1980

Em agosto de 1974, Ir. Margarida Maria Gonçalves, Superiora Geral, convoca o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria a entrar em estado de Capítulo Geral, preparando-se para este grande evento, para este “momento privilegiado, momento de graça, de tomada de consciência, na fé, do caminho feito e do que se abre diante de nós e no qual temos que nos comprometer lucidamente para não cairmos fora da vida” (carta da Ir. Margarida Maria Gonçalves a todas as Irmãs do Instituto). O Capítulo se realiza em Roma, em agosto de 1975. No dia 16 de agosto foi a eleição da nova Superiora Geral: Maria de Lourdes Machado, nascida a 21 de março de 1924, a 10ª filha de Jovita Teixeira de Syqueira e de Christiano Machado.

Uma passageira no trem da vida:

Um dia, ganhei de Leonardo Boff um texto: A Graça Libertadora do Mundo. Gostei muito. Ele diz:

Um trem corre veloz para o seu destino. Luzidio. Corta o campo como uma seta. Fura as montanhas. Passa os rios. Cruza as cidades. Desliza como um fio em movimento. Sem obstáculos. Perfeito na forma, na cor, na velocidade.

Lá dentro se desenrola o drama humano. Gente de todas as gentes. Gente que conversa. Gente que cala. Gente que trabalha e gente que descansa. Gente que contempla a paisagem. Gente que faz negócios, preocupada. Gente que nasce e gente que morre. Gente que ama e odeia surdamente. Gente que

discute a direção do trem: o trem errou a direção! Gente que acha que errou de trem. Gente que é contra o trem: não deveria ter sido feito nenhum trem! Polui. Gente que planeja trens mais rápidos. Gente que aceita o trem e goza de suas vantagens, agradecido. Gente que não se questiona. Sabe que vai chegar ao rumo certo. Por que se afligir? Gente nervosa que corre para os vagões da frente: quer chegar mais depressa.

Gente de contradição: vai contra a direção do trem. Absurdamente caminha para o último vagão. Pensa fugir do trem. E o trem, impassível, segue o seu destino certo. Pacientemente carrega a todos... A todos oferece a chance de fazerem uma viagem esplendorosa e feliz.

De chegarem à cidade do sol e do descanso.

Fiquei imaginando a minha longa caminhada, dentro da história, como uma das passageiras deste trem da vida. Aí, nesta mistura de “gentes”, eu me encontro, vivendo em contato com as várias culturas de todas estas “gentes” que viajam no mesmo trem.

Imagino que, em cada vagão deste trem, eu vou sendo desafiada pelos acontecimentos da vida:

- Sou brasileira, mineira da zona da mata. Isto me define: introvertida, amante da família, fechada. Cercada das montanhas de Minas, aos 20 anos, passo a ter os horizontes infinitos do mar do Rio de Janeiro. Povo extrovertido, preguiçoso, alegre. Muito sol. Carnaval. É o primeiro choque cultural, dentro do próprio país, a minha ida para o Rio.

- Longe da família, longe das montanhas, há um horizonte infinito, que me espera: a Vida Religiosa. A entrada na Vida Religiosa foi outro choque cultural: limites, disciplina, valores,

contato com muita gente diferente (de outros brasis e da Europa). A mestra de formação é irlandesa. Há costumes franceses: língua, jeito de comer. E até uma Provincial norte americana nós tivemos! Adapto-me bem a tudo isto.

Até 1975, passei por muitos lugares no Brasil, viajando neste trem que corria sem parar. E até voava para lugares mais longínquos.

Depois de 17 anos no Rio de Janeiro, vivi cinco anos no Rio Grande do Sul. Volto de lá, em 1966, para ser Provincial da Província Brasileira. De novo, estou residindo no Rio.

Assim continuo a lenda do trem:

Todos viajam gratuitamente. Ninguém pode sair nem fugir. Encontram-se dentro do trem. A liberdade se realiza lá dentro: pode ir para frente ou para trás; pode modificar os vagões ou conservá-los intactos; pode gozar da paisagem ou pode se aborrecer com os vizinhos; pode acolher prazerosamente o trem ou pode acremente rechaçá-lo. Nem por isso ele deixa de correr para o seu destino infalível e carregar cortesmente a todos.

Algumas vezes tomei o “vagão internacional deste trem” para reuniões em Roma: Encontro de Formação (1967); Capítulo Geral Especial em Roma e Londres (1968-1969).

Vivemos uma forte experiência neste Capítulo convocado para atender ao pedido do Papa para iniciar a adaptação à vida moderna à luz do carisma do Fundador. No decurso do Capítulo, sentimos com força o embate das diversas ideias e culturas. Cada delegada defendia sua Província ou seu grupo.

No início do Capítulo, não éramos um “Instituto Internacional.” Ao fim de três meses em Roma e um mês na Inglaterra, pudemos sentir a mudança. Uma linguagem comum já surgia. Tudo melhorou.

E a história do trem continua:

E há gente que acolhe o trem. Alegra-se com a sua existência. Frui da sua velocidade. Aproveita das paisagens. Faz amizade com os companheiros de viagem. Empenha-se para que todos se sintam bem. Luta contra os que estragam as carruagens e incomodam os irmãos. Mas não perde o sentido da viagem nem por causa das querelas nem por causa do gozo. Como é maravilhoso que um trem exista e nos possa levar tão depressa para a pátria, onde cada qual é esperado com ansiedade, quando os abraços serão longos e o amor será sem fim!

As paradas do trem: Roma, Brasil, Roma

Passei para outro vagão, em 1969 – 1972. Eleita conselheira geral no Capítulo Especial (1969), passo a residir em Roma, num grupo internacional¹. Aí é diferente. É convivência. É o dia-a-dia. Muito aprendo com cada uma. Não é simples, nem fácil lidar com várias culturas. Estamos porém unidas pelo essencial.

¹ Os membros do Governo Geral eram: Superiora Geral: Ir. Margarida Maria Gonçalves; Conselheiras: Ir. Aloisia Fernandes, Ir. Pauline Greene, Ir. M. de Lourdes Machado, Ir. Mary Milligan, Secretária Geral: Ir. Marjorie Keenan, Ecônoma Geral: M. du Carmel Finn.

Também muitas visitas às Províncias vão nos ajudando a uma abertura ao diferente, ao outro, a outros valores: os primeiros Conselhos Gerais Ampliados nos Estados Unidos, Inglaterra e Portugal colocam-me em contato com o primeiro mundo.

Depois de ficar três anos num vagão de gente conhecida, como Provincial, na Província Brasileira (1972 – 1975), voltei a Roma como Superiora Geral (1975 – 1980).² Foi um tempo muito rico. Conheci outras culturas como a da África que me conquistou com seus valores de amor à vida, à família, ao idoso (=sábio em alguns idiomas) porque “viu o sol antes que o mais jovem”. Para eles “os mortos não são mortos: eles continuam vivendo em comunhão com os vivos”.

Vi lugares de conflitos como a Irlanda do Norte, Moçambique logo depois da independência, o Zimbabwe antes da independência. Visitei Israel num momento de crise. Experimentei o acolhimento das crianças de Honduras, a alegria do povo do México, com suas festas e costumes. Viajei nos trens da Europa e dos Estados Unidos, conhecendo um povo culto e progressista.

E o trem continua o seu destino:

A graça libertadora do mundo é assim como um trem. O destino da viagem é Deus. O caminho é Deus também, porque o caminho é o destino se mostrando antecipado, se realizando lentamente, fazendo as pessoas viajar.

A graça carrega a todos; dá-se a todos como chance de boa viagem; também aos rebeldes, aos intrigueiros, aos indo-

² Conselheiras: Ir. Edmund Harvey, Ir. Consilio O'Regan, Secretária Geral: Ir. Frances Lane, Ecônoma Geral: Ir. Mary McHugh.

lentes. Com a negação, o trem não se modifica. Assim a graça também. Só o homem se modifica. Estraga a sua viagem. Mas é carregado do mesmo jeito, com toda a gentileza. Deus, que é graça, é também 'bondoso para com os ingratos e maus'. (Lc 6, 35).

Nosso trem continua sua viagem, dizendo-nos como lidar com ele:

Acolher o trem, alegrar-se com seu caminho, correr com ele, querer bem aos companheiros de destino é já antecipar a festa da chegada. Viajar é já estar chegando em casa. É a graça, graça que é 'a glória no exílio, glória que é a graça na pátria'. É o céu.

Rechaçar o trem, perturbar a viagem, correr ilusoriamente contra a sua direção, na aparência enganadora de fugir dele, é antecipar a absoluta frustração. Nem por isso o trem deixa de correr para a sua direção e frustração. Nem por isso o trem deixa de correr para a sua direção e carregar consigo o renegador. Deus não modifica sua gratuidade. O homem, sim, se modifica. E tanto maior será sua frustração quanto sabe que, apesar de tudo, é sempre carregado com toda a bondade. É o inferno.

E tu, leitor, em que direção viajas?



A) Situação de um Mundo dilacerado e da Igreja 1971-1979

O apelo do mundo

Ainda em dezembro de 1974, fomos alertadas para a situação do mundo que interpelava, questionava a nossa Missão RSCM: “O mundo de hoje é violentado pela miséria de dois terços dos seus habitantes, que morrem de fome, e pela superabundância do outro terço que é superalimentado. Há fome de paz, de alegria, de amor, de justiça, de cultura. Ora, é preciso que este mundo faça parte de cada uma de nós, que ele esteja presente no Capítulo. Ler este grito de justiça no nosso coração e responder-lhe com a vida, ultrapassa de longe os sentimentos de comiseração que experimentamos quando o lemos nos jornais e revistas³.”

Nesta sintética descrição da situação do mundo, pude ver os países que sofriam a violência, vivendo tensões, em lutas seculares.

- Vi bombas explodindo em vários pontos do globo, demonstrando assim a insatisfação de um povo oprimido.
- No terceiro mundo, os sistemas de opressão sufocavam as nações que gritavam pela sua libertação.
- A corrida armamentista, em várias partes, tornava os povos e as pessoas mais pobres, enriquecendo os poderosos, gerando um contínuo perigo, ameaçando a vida de muitos.
- Em diversos lugares, a guerra, a discriminação, o racismo geravam divisões, ódios e morte.

³ Carta Circular de Ir. Margarida Maria Gonçalves, dezembro de 1974.

- A força da alta tecnologia favorecia a concentração das riquezas, do poder de decisão nas mãos de um pequeno grupo.
- A natureza sofria agressões em seus elementos: ar, água – indispensáveis à vida.
- A contestação contra o aborto legal e contra a guerra eram formas bem significativas de grupos conscientes, que reivindicavam o direito à vida.
- Alguns países conseguiram livrar-se de regimes ditatoriais, outros, conseguiram sua independência dos países colonizadores.

Pensando em alguns lugares onde estavam as RSCM posso relembrar a situação de Portugal que, na chamada “revolução dos cravos”, em 25 de abril de 1974, pôs fim à política dominadora. O povo português viveu a euforia de um novo regime político – o socialista. Experimentava-se outra era na qual se condenava o capitalismo, o fascismo que vinha paralisando o país. A educação política do povo deveria ser feita urgentemente para acompanhar as rápidas mudanças do país. As colônias da África despertavam para a sonhada independência, acirrando as lutas contra a opressão e colonização. Isto representava uma séria ameaça à estabilidade econômica de Portugal.

Moçambique era um dos países que lutava pela independência. Era a hora das guerrilhas, da luta, do perigo. A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) saiu vitoriosa e a independência aconteceu no dia 25 de junho de 1975. O governo implantado pela FRELIMO e seu presidente Samora Machel seguiam a linha marxista-leninista, que trouxe sérias e drásticas consequências para o povo moçambicano, para os estrangeiros lá residentes e para a vida da Igreja.

O Zimbábwe – então Rodésia do Sul – vivia também as lutas pela independência. Havia atos terroristas por toda a parte, refletindo a insatisfação do povo. A hora também era de decisões, gerando medos, inseguranças. O exemplo de Moçambique dava ao povo certas preocupações em relação ao futuro. A independência do Zimbábwe, porém, se realizou de maneira mais tranquila.

No Brasil, ainda persistia a ditadura militar, iniciada com o golpe de 31 de março de 1964. Era uma época de forte repressão, de perseguição à Igreja, de controle, de exílio e de torturas. Esta situação perdurou até 1989, quando houve eleições para presidente da República. O regime econômico vigente era o capitalismo selvagem, periférico, dependente, criando uma sociedade escandalosamente dividida entre ricos e pobres.

Quando aconteceu o Capítulo Geral de 1975, em que refletimos sobre nossa Missão, nós acolhemos este momento de morte-viva. Olhamos a realidade e nos perguntamos o que significava ser RSCM neste mundo de divisões e de injustiças tão gritantes.

A presença da Igreja neste mundo

A Igreja Católica, sensível a esta hora em que o povo sofria tantas injustiças e aspirava pela paz e pela liberdade, estudou, refletiu sobre a realidade, convocou reuniões, escreveu documentos denunciadores.

Em 1971 tendo sido realizada a 2ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, a Igreja, pelos seus representantes, se debruçou sobre o tema da Justiça e surgiu o documento: Justiça no Mundo, no qual os Bispos se interrogavam sobre a missão do povo de Deus na promoção da justiça. Na introdução, os Bispos

“se dão conta das graves injustiças que envolvem a terra dos homens com uma rede de dominações, de opressões e de abusos que sufocam a liberdade e impedem a maior parte do gênero humano à participação no edificar e no desfrutar de um mundo mais equitativo e mais fraterno⁴.”

Naquela ocasião, constatou-se o nascimento de uma consciência nova que surgia entre os grupos humanos e que os impelia a procurar sua libertação, assumindo a responsabilidade de seu destino. Crescia a esperança de se alcançar um mundo mais humano e mais livre.

Os Bispos tentaram ouvir o clamor dos que sofriam violência, dos oprimidos por situações e sistemas injustos e opressores. Neste Sínodo, declararam: “A ação pela Justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da Missão da Igreja, em prol da Redenção e da Libertação do gênero humano de todas as situações opressivas⁵”.

Este documento realista, vigoroso e corajoso convidou toda a Igreja a se examinar quanto ao uso dos bens materiais para que não aparecesse como rica e poderosa, comprometendo, assim, a sua credibilidade. Foi um forte apelo à conversão e a um trabalho unido para que o mundo fosse mais justo.

⁴ A Justiça no Mundo, N° 3, Editora Vozes – RJ-Brasil-1972.

⁵ Ibid N° 6

Paulo VI escreveu em 1975 uma Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, a pedido dos Bispos, em continuação à 3ª Assembleia do Sínodo dos Bispos que estudou o tema: Evangelização. A Exortação Apostólica foi um convite a toda a Igreja para fazer uma reflexão séria e a dar uma resposta “leal, humilde, corajosa e, depois, agir conseqüentemente⁶” diante da missão do cristão de proclamar o Evangelho, com toda a sua energia de Boa Notícia, capaz de transformar verdadeiramente os homens e mulheres de nosso tempo.

A *Evangelii Nuntiandi* foi uma luz forte para a Vida Religiosa que se sentiu encorajada a continuar a agir “nos postos de vanguarda da missão⁷”. Foi um estímulo a continuar a ser uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja pelo seu testemunho silencioso, pela sua capacidade de ir até os confins da terra e, mesmo, de entregar a própria vida pelo Evangelho.

Estes dois documentos foram uma força inspiradora para mim, pessoalmente, e para muitas religiosas.

Os apelos da Igreja da América Latina

Durante todos estes anos, a Igreja na América Latina vivia sob a influência do Documento final da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que se realizou em Medellín, Colômbia em 1968. Foi a encarnação do espírito do Vaticano II na realidade sócio-econômico-política do continente. Este documento revolucionário marcou a Vida Religiosa, proclamando sua missão profética e mostrando a necessidade de sua maior encarnação e audácia no mundo. Foi neste momento que a Igreja da América Latina fez a sua “opção pelos pobres”.

⁶ Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro 1975), N°s 4, 5

⁷ *Ibid.* N° 69

Também a Igreja da África, das Filipinas e de outras partes do mundo estavam empenhadas em ser Igrejas bem comprometidas com o povo, colocando-se a seu lado, fazendo ouvir vozes proféticas que denunciavam as opressões sofridas.

Medellin, com suas dimensões proféticas, foi um autêntico Pentecostes para a Igreja Latino-Americana! Depois de Medellin, pôde-se falar de uma Igreja Latino-Americana, de uma pastoral Latino-Americana, de uma teologia Latino-Americana. O teólogo Segundo Galilea disse que Medellin teve caráter “fundacional” em uma Igreja que queria renovar-se, que queria ser fiel ao Concílio e ser fiel à realidade do continente Latino-Americano e ao seu processo histórico. Pode-se dizer que Medellin foi precursora do Sínodo dos Bispos de 1971 e da *Evangelii Nuntiandi* de 1975. Em Medellin, vimos unidas a Justiça e a Evangelização quando a Igreja fez seu o clamor dos pobres.

Os teólogos da Libertação levantaram sua voz, procurando lançar questões que angustiavam a consciência cristã do povo latino-americano: “Como ser cristãos num mundo de miseráveis?” E eles mesmos respondiam: “Só o podemos ser, autenticamente, vivendo nossa fé de forma libertadora”.

A Conferência de Medellin situou no centro da sua atenção a pessoa humana, de um continente que vivia um momento decisivo de seu processo histórico: a luta por sua libertação. Os Bispos reconheceram que para “conhecer a Deus é necessário conhecer a pessoa humana.”

A busca de compreensão deste momento histórico foi à luz da Palavra que é Cristo. A Igreja procurou ser iluminada por esta Palavra para tomar consciência mais profunda do serviço que lhe incumbia prestar naquele momento.

Acatando o juízo da história sobre as luzes e sombras que existiram na sua caminhada, a Igreja quis assumir inteiramente a responsabilidade histórica que recaía sobre ela naquela hora.

A Igreja reconheceu que não bastava refletir e falar. Era necessário agir. A Assembleia foi convidada “a tomar decisões e a estabelecer projetos, somente com a condição de que estivessem dispostos a executá-los como compromisso pessoal (dos Bispos) mesmo à custa de sacrifícios”.

A América Latina estava sob o signo da transformação e do desenvolvimento. Era uma época cheia de anelos de emancipação total, de libertação diante de qualquer servidão, de maturação pessoal e de integração coletiva. Eram os prenúncios de um parto doloroso de uma nova civilização.

Os Bispos não puderam deixar de interpretar este gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como um signo evidente do Espírito, conduzindo a história dos homens e mulheres e dos povos para sua vocação.

Também não puderam deixar de descobrir nesta vontade, cada dia mais apressada e tenaz de transformação, os vestígios da imagem de Deus no homem e na mulher, com um poderoso dinamismo.

Não puderam deixar de pressentir a presença de Deus, que quer libertar a pessoa humana inteira e integralmente. A orientação da Assembleia se deu numa busca de forma de presença mais intensa e renovada da Igreja na transformação da América Latina.

A solicitude dos participantes recaiu sobretudo sobre os três grandes setores que tinham relação com o processo de transformação do continente:

- 1º) A PROMOÇÃO HUMANA e dos povos do continente para os valores da justiça, da paz, da educação e do amor conjugal.
- 2º) As ELITES do continente.
- 3º) Os problemas relativos aos MEMBROS DA IGREJA, mostrando necessária sua unidade e ação pastoral através das estruturas visíveis, adaptadas às novas condições do continente.

Tabela I

O Documento de Medellin

Tabela I **O Documento de Medellin**

O Documento tem 16 capítulos, abordando diversos assuntos: justiça, paz, família e demografia, educação, juventude, pastoral das massas, pastoral das elites, catequese, liturgia, movimento de leigos, sacerdotes, religiosos, formação do clero, pobreza da Igreja, colegialidade, meios de comunicação social. Em síntese dizemos:

METODOLOGIA	Ver - Situações Julgar - Critérios Teológicos Agir - Opções Pastorais
CONDENAÇÕES	Situação de injustiça Violência institucionalizada Política armamentista Civilização do consumo
OPÇÕES	Pelos pobres Educação libertadora, Justiça e libertação – contra a injustiça e opressão Catequese renovada Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)
PROPÓSITOS	Simplicidade de vida Aproximação dos pobres Ação pastoral planejada Avaliação periódica Reflexão teológica sobre a realidade

Um novo apelo da Igreja Latino-Americana: a Conferência de Puebla

O ano de 1978 foi marcado por acontecimentos decisivos para a vida da Igreja Universal: morte de Paulo VI, curto pontificado de João Paulo I e eleição de João Paulo II. Com este, a Igreja entra numa era de grande vitalidade.

Em 1979, realizou-se a 3ª Conferência dos Bispos da América Latina, em Puebla, México. Foi convocada por Paulo VI, confirmada por João Paulo I e reconfirmada por João Paulo II, como este se expressou no seu discurso inaugural de 28 de janeiro de 1979.

Puebla estudou as grandes questões da presença e da tarefa da Igreja da América Latina, sempre sob o ponto de vista da Evangelização, com o olhar voltado para o futuro. Medellín foi o ponto de partida de Puebla como o afirmou o Papa João Paulo II. E foi também a reafirmação de Medellín. Fez uma análise muito forte da realidade em que vivia o povo latino-americano. Nela se incluem a dimensão cultural e histórica, discreta e pertinente e uma reflexão sobre a tarefa da Igreja nos últimos dez anos.

A Igreja, naquele momento, analisou a realidade, conferiu experiências e fez sérias e decisivas opções: pela pessoa humana, pela defesa de sua dignidade, pelos pobres e pelos jovens, numa ação evangélico - libertadora.

Reafirmação da opção de Medellín pelos pobres e por uma evangelização libertadora

A Igreja mostrou a realidade do pecado social, e o fato de reconhecer a presença deste pecado no meio de nós foi causa

de muitas tensões dentro da Igreja e da Vida Religiosa. Puebla convocou novamente os religiosos a se deixarem questionar por esta realidade, levando-os a tomar posição diante dela e a fazer uma revisão radical de suas ações apostólicas.

A Igreja esperava dos religiosos atenção ao Espírito, coragem e criatividade. Devia a Vida Religiosa rasgar horizontes novos, criar novos modos de encarnar o Evangelho e de dar respostas novas aos desafios do momento.

Foi um grande estímulo a uma Vida Religiosa mais inserida, numa missão mais comprometida. Muitas Religiosas do Instituto Sagrado Coração de Maria vibraram com esta convocação de Puebla! E continuaram sua caminhada para a margem, para a periferia, para o lado dos pobres! Sentimo-nos confirmadas em nossas opções!

Na vida da Igreja latino-americana surgiram linhas de força importantes: pastoral paroquial e ambiental. Em geral, elas se concentraram na criação de comunidades de fé, missionárias e comprometidas com a justiça e com a libertação.

Na América Latina, e especialmente no Brasil, firmaram-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), este novo jeito de ser Igreja. Nos momentos de repressão, nas CEBs, o povo tinha voz e vez. Eram o lugar em que as pessoas se fortaleciam, ajudavam-se e encontravam seu lugar. À luz da Palavra de Deus, as pessoas agiam com coragem, rezavam a vida e lutavam pela transformação.

Em alguns países da Europa surgiram Comunidades de Base sem o caráter eclesial. Eram grupos contestatários, às vezes à margem da Igreja. Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, assim se

expressou: “pretendem amar a Cristo, mas sem a Igreja, ouvir a Cristo, mas não à Igreja, ser de Cristo, mas fora da Igreja” (Nº 16). Paulo VI classificou esta atitude de uma absurda dicotomia.

Olhando de novo para a vida da Igreja, com seus documentos e orientações, para a Igreja da América Latina com seus desafios e apelos, vemos que a preocupação da Igreja é com os marginalizados, e sua opção é pelos pobres. Esta opção concretiza sua missão no mundo. Os “pobres” são o lugar a partir do qual todas as demais ações da pastoral deverão ser analisadas e articuladas. Não se trata de uma missão especial: é o enfoque que vale para se avaliar qualquer ação pastoral. O amor preferencial e a solicitude pelos pobres e necessitados são provas de uma evangelização autêntica.

B) O Mundo da Vida Religiosa 1975-1980

Situação do Instituto e da Vida Religiosa em geral

Este complexo panorama de um mundo em rápida transformação e de uma Igreja chamada a partilhar “as alegrias, as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem⁸”, foi o contexto em que eu servi ao Instituto como Superiora Geral.

Ao terminar o Capítulo Geral de 1975, agradei à Ir. Margarida Maria Gonçalves, que terminava seu trabalho de 12 anos à frente do Instituto, a graça de estar entregando um “Instituto unificado, aberto às necessidades do mundo, atento às orientações da Igreja e, sobretudo, dócil ao Espírito⁹”.

⁸ Gaudium et Spes, Nº 1.

⁹ Palavras de Irmã Maria de Lourdes Machado, Roma, 29 de agosto de 1975.

Na verdade, a Vida Religiosa em geral, e nós como RSCM, já havíamos vencido, em parte, a grande crise de identidade, de afirmação e de discernimento que se seguiu ao Vaticano II e ao Capítulo Especial de 1968-69. Não se podia afirmar que o momento era tranquilo, mas a crise mais crucial parecia ter passado. Ainda eram poucas as vocações para a Vida Religiosa, existia bastante confusão no seu seio, com interrogações profundas sobre a Vida Religiosa do futuro.

A situação do mundo com a sua miséria e opressão, injustiças e dores foi um clamor doloroso que muitas religiosas ouviram, colocando-se, generosamente, ao serviço da vida lá onde se encontrava mais ameaçada. Quase todas as congregações viviam o mesmo estado de busca e estavam trabalhando em re-escrever as Constituições para enfrentar os desafios de um mundo radicalmente diferente.

Todo o Instituto participou do grande mutirão para re-escrever as Constituições. As Irmãs se empenharam para que as Novas Constituições fossem fruto do esforço da base e da participação ativa de todas. Esta colaboração foi um enriquecimento valioso para as Novas Constituições.

Tabela II

Situação do Instituto

Tabela II
Situação do Instituto em relação ao número de Irmãs
e à idade média das mesmas
no Capítulo Geral de 1975 e de 1980

A. 1975

Província	Irmãs	Idade Média
Brasileira	180	47
Americana do Leste	402	45
Anglo Irlandesa	251	47
Francesa	64	62
Portuguesa	463	41
Americana do Oeste	125	46
Região de Moçambique	64	40
Casa Generalícia	6	
Total	1555	

B. 1980

Província	Irmãs	Idade Média
Brasileira	170	54
Americana do Leste	355	51
Anglo Irlandesa	226	54
Francesa	57	61
Portuguesa	459	49
Americana do Oeste	127	52
Região de Moçambique	30	41
Casa Generalícia	5	
Total	1429	

Durante o Capítulo Geral de 1980, reconhecemos nossa pobreza, em um número que diminuía sempre e num crescente envelhecimento. Mas nós continuávamos confiantes e rezando com o Fundador: “Tenho a firme confiança, ó meu Deus, que multiplicareis o número de minhas filhas a fim de que elas possam Vos fazer conhecer, amar e bendizer em todo lugar”.

Esperança e decisões do Capítulo Geral no qual fui eleita

O Documento do Capítulo Geral de 1975: Missão – Um Apelo à Justiça encontrou eco em muitas das RSCM que se sentiram confirmadas em suas opções e se lançaram num trabalho corajoso, seguras de que “trabalhar pela Justiça já não é uma opção¹⁰”. Muitas religiosas procuraram dar o enfoque da Justiça a seus trabalhos tradicionais, reorientando sua Missão a partir desta ótica.

O Capítulo Geral de 1975 teve duas fases muito importantes:

A preparação que envolveu todo o Instituto: “A participação põe todo o Instituto em estado de Capítulo a partir do momento em que todas e cada uma aceitam entregar neste espírito de escuta, de avaliação da sua própria vida e da sua consagração à luz da fé¹¹”. Nossas atenções foram centradas no grande tema da Missão.

Ir. Margarida Maria disse-nos, em outra ocasião, que deveríamos acolher este momento de vida não lhe impedindo a capacidade de se renovar sempre¹². Verdadeiramente, no Capítulo

¹⁰ Documento do Capítulo Geral 1975.

¹¹ Carta Circular de Ir. Margarida Maria Gonçalves, agosto 1974.

¹² Dezembro 1974.

Geral de 1975 aconteceu algo de surpreendentemente novo que vem sintetizado no seu documento final.

Os subsídios que foram enviados alertaram-nos para a necessidade de aprofundamento de nossa História como RSCM para encontrarmos luzes para nossa Missão, dentro de um mundo que sofria fome, violência, vivia crises de energia.

A realização do Capítulo Geral foi de 1º a 29 de agosto de 1975: um curto espaço de tempo, mas nele vivemos um trabalho intenso, de reflexão e partilha, de oração e discernimento. O assessor do Capítulo, Ir. William Quinn (Lassalista), apresentou-nos o método que devia centrar todas as considerações capitulares num texto do Evangelho. O grupo escolheu o texto de Lc. 9, 1-26. À medida que o Capítulo avançava, surgiam as palavras-chaves. Desde o início, via-se a insistência sobre alguns pontos: justiça, pobreza, pobres, inserção, oração, comunidade.

O Padre Pedro Arrupe, Superior Geral da Companhia de Jesus, falou ao Capítulo, no dia 2 de agosto sobre “A experiência de fé de um Capítulo e as novas orientações apostólicas”. Suas palavras sábias, experientes e seguras foram um marco na história do Capítulo de 1975.

Em poucos dias de trabalho, os tópicos do Documento Final do Capítulo ficaram delineados:

- Missão – um apelo à Justiça
- Comunidade para a Missão
- Espiritualidade para a Missão¹³

¹³ Atas do dia 8 de agosto de 1975.

Estava assim bem claro o foco: Missão – um apelo à Justiça. Os outros aspectos da nossa vida como RSCM seriam em vista da Missão, para a Missão. A grande esperança do Capítulo era que todo o Instituto entrasse num processo de “educação para uma nova tomada de consciência” – nova consciência de missão que nos fizesse compreender que “trabalhar pela justiça já não é uma opção”.

O Capítulo convocou-nos a dar “uma resposta ativa e radical” às situações “do mundo, com a sua pobreza e miséria, com a opressão e a guerra, com o isolamento e a violência”. Insistiu na transformação e libertação de todas as estruturas de morte e de pecado que reinavam no mundo.

Afirmamos, também, que tínhamos que “experimentar a pobreza, um estilo de vida mais simples e procurar um contato mais direto com os pobres”. O Capítulo desafiou-nos a “pôr os nossos talentos e recursos a serviço deste apelo à Justiça”.

Para conseguirmos viver nossa Missão, com todas estas exigências, reconhecemos a necessidade de uma comunidade viva e de uma oração encarnada. Deveríamos ser capazes de ver Cristo atuando nas situações humanas, deixando-nos interpelar pela Palavra de Deus, num confronto contínuo de nossas vidas com o Evangelho.

O Documento Final deste 15º Capítulo Geral deixou marcas profundas e decisivas na vida de muitas RSCM que nele encontraram um eco e uma resposta a seus anseios de se entregarem à causa da Justiça.

Durante o capítulo procuramos ouvir todas as vozes do mundo: a voz dos que gritavam pedindo socorro, o silêncio

daqueles que nem mais voz tinham para pedir. Procuramos, no meio de tantas vozes, distinguir a voz do Espírito que nos chamava a novas posições, ao compromisso total de cada uma de nós pela causa da Justiça.

Naquele momento, ouvimos sobretudo as vozes angustiadas das Irmãs de Moçambique. Elas viviam o momento das lutas finais da independência. As Irmãs não poderiam prever as consequências da Independência para a sua vida apostólica e comunitária.

Também as Irmãs de Portugal viviam uma situação pós-revolução com suas mudanças rápidas. Uma delegada portuguesa ao Capítulo se viu impossibilitada de comparecer ao mesmo em razão da gravidade do momento político-econômico, sendo considerada perigosa a ausência desta Irmã encarregada das finanças. O país estava sob um regime socialista que contestava gastos e viagens¹⁴.

Capítulo interpelador

Este Capítulo profético e interpelador foi um facho luminoso que orientou a minha vida. Seu Documento Final, até hoje, tem a força de algo novo porque é evangélico, é voltado para a pessoa humana, é gerador de mais vida.

Ao terminar o Capítulo, o novo Conselho Geral se pronunciou comprometendo-se a encontrar meios para a implementação do Documento: *Missão – um Apelo à Justiça*. O Conselho Geral também se mostrou preocupado com o futuro do Instituto: vocações e formação.

¹⁴ Atas do Capítulo Geral de 1975.

No encerramento do Capítulo, reconhecemos: “Este Capítulo é para nós um desafio.

Chama-nos a uma séria revisão de nossa vida pessoal e comunitária. Exige de nós a libertação de nossas estruturas de egoísmo para nos colocarmos a serviço de todos aqueles que precisam de nós”... “Fazer com que este Capítulo se transforme em vida nova para o Instituto é responsabilidade de cada uma”... “Se de fato vivermos o que aqui descobrimos, seremos agentes transformadores da história do Instituto¹⁵”.

Ainda naquele Capítulo, estudamos modelos de estrutura de Governo Central. No dia 14 de agosto de 1975, depois de estudos e debates foi aprovada, por unanimidade, a nova estrutura do Governo Central. Três grandes modificações:

- redução do número das Conselheiras Gerais para duas;
- a duração do cargo do Conselho Geral para cinco anos, com a possibilidade de re-eleição para outros cinco anos
- novo método de eleição para Superiora Geral. O método para nomeação seria o seguinte:
 1. Cada capitular poderá sugerir três pessoas
 2. Para sondagem, uma equipe, formada pela Presidente do Capítulo e as duas escrutinadoras, encarregar-se-á de receber as sugestões.
 3. Far-se-á uma lista, por ordem alfabética, de todas as que foram sugeridas.

¹⁵ Fala de Ir. Maria de Lourdes Machado, Roma, 29 de Agosto de 1975.

4. Será apresentada às delegadas uma lista revista, por ordem alfabética, com os nomes de todas as que foram sugeridas. Os nomes daquelas que desistirem serão incluídos nesta lista¹⁶.

A eleição seguiria as normas das antigas Constituições.

A partir deste Capítulo, o Instituto começaria a preparação das Novas Constituições e foi escolhida, pelo Capítulo, a Ir. Mary Milligan para ser a coordenadora de uma equipe internacional a ser formada para esta tarefa.

O Documento do Capítulo foi acolhido pelo Instituto com sentimentos diversos: algumas o acolheram com entusiasmo, como se fosse a chegada de um amigo há muito tempo esperado; outras o analisaram, com temor, receosas das consequências a que sua vivência nos levaria; outras não lhe deram a importância e a seriedade que exige um documento capitular. É que as Irmãs do Instituto viviam em diferentes níveis de conscientização e em ritmos distintos de engajamento pastoral.

¹⁶ Ata do Capítulo Geral de 14 de agosto de 1975 – sessão da manhã

CAPÍTULO II

SITUAÇÃO DO GOVERNO GERAL NESTE MOMENTO HISTÓRICO

Havia muitos anos que eu vinha me angustiando diante da terrível situação do Brasil e do Continente Latino-Americano, situação de dependência tão prejudicial à dignidade de seu povo. Observava também a situação de opressão e injustiças existentes em várias partes do mundo. Estava convicta de que assumir a causa dos pobres é o mesmo que assumir a própria causa de Jesus Cristo: “Tudo aquilo que fizerdes a um desses pequeninos é como se a mim mesmo fosse feito”. (Mt 25,40)

A Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968), afirmou que a América Latina vivia sob o signo trágico do subdesenvolvimento que afastava o povo de sua própria realização humana. Aqui se conjugavam as enfermidades generalizadas e a mortalidade infantil, o analfabetismo e a marginalização. Era um momento histórico que exigia de todos “clareza para ver, lucidez para diagnosticar e solidariedade para atuar¹⁷”.

Via-se a urgência da criação de audazes, novas e renovadas estruturas para o nascimento de um continente novo com homens e mulheres livres e responsáveis. Medellín fez, assim, uma corajosa “opção pelos pobres” e convidou os religiosos a “formar pequenas comunidades encarnadas realmente nos ambientes pobres¹⁸”.

¹⁷ Mensagem dos Bispos aos povos da América Latina – 6 de setembro de 1968.

¹⁸ Conclusões de Medellín – 14. Pobreza da Igreja: Orientações Pastorais 9 – Testemunho b. Edições Paulinas – SP-Brasil – 1975.

Medellín reconheceu que a *Educação* na América Latina apresentava-se com características dramáticas e desafiantes, afirmando que os métodos didáticos preocupavam-se mais com a transmissão de conhecimentos do que com a formação de um espírito crítico.

Os sistemas educativos estavam orientados para a manutenção das estruturas sociais e econômicas imperantes mais do que para sua transformação. Propôs, então, a *Educação Libertadora* que buscava transformar o educando em sujeito do seu próprio desenvolvimento.

Os Bispos fizeram um voto: “Que se apresente cada vez mais nítido na América Latina o rosto da Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a Libertação do homem todo e todos os homens¹⁹”.

Estes veementes apelos da Igreja Universal, da Igreja da América Latina, dos diversos documentos do Episcopado Brasileiro que denunciavam esta situação foram sementes lançadas em minha vida, na vida da Província e na do Instituto. Documentos como *Octogesima Adveniens* (1971), *A Justiça no Mundo* (1971), *Evangelii Nuntiandi* (1975) foram um forte sopro do Espírito que exigiram de nós novas formas de vida comunitária, novo enfoque à nossa Missão de RSCM, novas e corajosas respostas. Foram uma afirmação de meus sonhos de lutar por um mundo mais justo e mais igual.

¹⁹ Conclusões de Medellín – 5. Juventude – Recomendações 3.3 IIa - Edições Paulinas – SP-Brasil – 1975.

Durante o período que passei em Roma como Conselheira Geral (1969 – 1972), entrei em contacto com um grupo que muito me enriqueceu: o grupo latino-americano. Nele tive ocasião de contactar Bispos latino-americanos, exilados políticos, sacerdotes, religiosos, que, em suas reuniões, seminários, depoimentos, convicções, ajudaram-me a alargar os horizontes, abrir os olhos e enxergar a condição de injustiça institucionalizada reinante no Continente Latino-Americano.

A preparação do Capítulo Geral de 1975

De volta ao Brasil, já em 1974, começamos a preparação do Capítulo Geral de 1975. O subsídio enviado pelo Conselho Geral - Que significa ser uma RSCM? - me fez voltar para nossa história com o olhar mais atento e aí descobrir que “a nossa Missão é a Missão geradora de vida de Jesus Cristo²⁰”.

Lendo trechos das cartas de Gailhac e das primeiras Superiores Gerais, vibrei por sentir nelas uma clara opção pelos pobres e marginalizados:

“... porque os pobres são o objeto principal de nossa solicitude, do zelo e da dedicação de nossas queridas filhas”²¹. “Os pobres são o objeto especial de nossa terna solicitude²²”.

Gailhac foi um homem que ouviu o clamor do pobre, da criança abandonada, da mulher prostituída, do jovem, do marginalizado. Foi um homem de uma fé ativa e radical que me lançava desafios, convocando-me a uma ação transformadora:

²⁰ Declaração da Missão

²¹ Carta da Mère Saint Jean à M. Kelly da Irlanda – 1868.

²² Carta da Mère Sainte Croix ao Arcebispo Manning de Westminster – 3 de setembro de 1870.

“A Missão da RSCM é a de transformar o mundo” (Gailhac).

Sensível à situação do povo oprimido e num grande desejo de morder a realidade, um grande grupo de RSCM da Província Brasileira participou, em 1974, da experiência de viver em contacto com o pobre, em grande solidariedade com o povo. Foi uma “Missão de Férias”, em Vitória, Espírito Santo. Cada Irmã passou vinte dias, vivendo numa casa de família da periferia, trabalhando com o povo, convivendo com ele, assumindo suas alegrias e sofrimentos, organizando sua vida pastoral e participando da vida da Igreja. Tudo isto muito bem preparado, com diálogos e avaliações contínuas.

Participando desta experiência forte e enriquecedora, senti-me desafiada e chamada a viver com o povo. Foi um momento marcante de minha vida e uma boa preparação ao Capítulo Geral de 1975.

A implementação do Documento Final

Com a realização deste Capítulo e com o Documento emanado do mesmo, senti que eu teria aí um plano de ação que me levaria a dar “uma resposta ativa e radical” aos clamores do povo.

Situadas dentro de uma história, nossa missão se definiria pela própria situação histórica. Muitas vezes eu me perguntava: Como responderia nosso Fundador aos desafios daquele momento histórico? Como Conselho Geral eleito no Capítulo de 1975, nós nos comprometemos, diante de Deus e das capitulares, a colocar todo nosso empenho para transformar em vida a Declaração que assumíamos juntas, procurando meios para usar nossas possibilidades e riquezas a serviço de nossa Missão - um apelo à Justiça.

A Conferência de Puebla

A Conferência de Puebla foi outro marco vital na minha caminhada. Participando na terceira Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano, como Superiora Geral convidada, pude apalpar ali toda a Igreja da América Latina, tentando analisar a realidade e buscando pistas de ação.

Os Bispos repetiam o grito desesperado de Medellín: “Um clamor surdo brota de milhões de pessoas, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte²³” e sentiram em Puebla que “o clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos ameaçador²⁴”.

Puebla reconheceu que a situação de pobreza vinha se agravando e denunciou o escândalo da brecha crescente entre ricos e pobres, num continente cristão. Através dos participantes, divisavam-se os rostos muito concretos, sofridos e desfigurados de todo o povo latino-americano: crianças, jovens, indígenas, camponeses, operários, subempregados e desempregados, marginalizados, idosos²⁵.

²³ Conclusões de Medellín – 14 – Pobreza na Igreja 2 - Edições Paulinas –SP-Brasil – 1975.

²⁴ Documento de Puebla – 89 – CELAM – Bogotá, Colombia, março de 1979.

²⁵ Cf. Documento de Puebla 31-39.

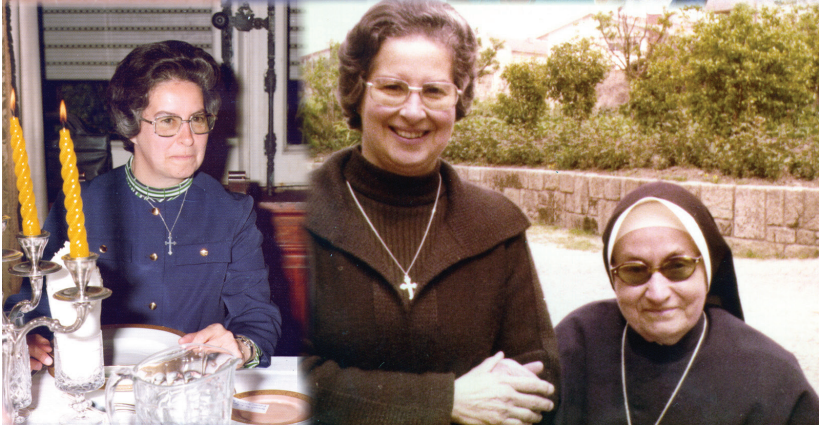


Tabela III

O Documento de Puebla

Tabela III

O Documento de Puebla

O Documento está dividido em cinco partes:

- 1ª parte: Visão Pastoral da realidade Latino-Americana
- 2ª parte: Desígnios de Deus sobre a realidade da América Latina.
- 3ª parte: A evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação.
- 4ª parte: Igreja Missionária a serviço da evangelização na América Latina.
- 5ª parte: Sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais.

Em Puebla, a Igreja faz opções claras:

Os pobres e os jovens constituem, pois, a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é, portanto, prioritária (nº - 1132).

Apresenta a situação, reflete e dá pistas pastorais para que a Igreja toda assuma estas opções preferenciais.

O Documento de Puebla dedica do nº 1134 ao 1165 à opção pelos jovens.

“A Igreja confia nos jovens. São a esperança da Igreja...”
(P. 1186)

“Afirmamos a necessidade da conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres em vista de sua libertação integral”. (P 1134)

O Documento de Puebla termina dando graças a Deus pelos sinais de esperança e de alegria que vê no Continente Latino Americano

- As Comunidades Eclesiais de Base.
- O Apostolado dos leigos
- A consciência mais esclarecida dos leigos sobre sua identidade e missão eclesial.
- Os novos ministérios e serviços.
- A ação comunitária intensa dos sacerdotes, religiosos e religiosas nos lugares mais pobres.
- A presença cada vez maior e mais simples dos bispos no meio do povo.
- A colegialidade episcopal mais vivida.
- A sede de Deus e sua busca na oração e contemplação à imitação de Maria que guardava, em seu coração, todas as palavras e atos de seu Filho.
- A crescente consciência da dignidade da pessoa humana na sua visão cristã, são outros sinais de esperança e alegria, para quem está mergulhado no mistério Pascal de Cristo e sabe que somente o Evangelho, vivido e proclamado à imitação d'Ele, conduz a humanidade a uma autêntica libertação. "Não existe salvação em nenhum outro nome dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos." (At. 4,12) Ele é a plenitude de todo o ser. Só em Cristo o homem encontra sua perfeita alegria". (Jo. 17,13)

No Documento de Puebla podemos destacar dez eixos centrais:

- 1) Consagração do método: Pensar e viver a fé a partir da realidade social.
- 2) Três condenações proféticas:
 - Capitalismo –“sistema de pecado” (P 55 – 1065 – 546 – 1259 – 41)
 - Doutrina de Segurança Nacional (P 547)
 - Marxismo (P 543 – 546).
- 3) Dimensão social e política da fé.
- 4) Opção preferencial pelos pobres e contra a pobreza (P 1140 – 30 – 1160 – 1136 – 1154 – 1149 – 1147 – 1154 – 1156).
- 5) Defesa e promoção da dignidade da pessoa.
- 6) Opção pela libertação integral.
- 7) Opção pelas CEBs.
- 8) Assunção e purificação da religiosidade popular.
- 9) Opção preferencial pelos jovens.
- 10) Promoção e libertação da Mulher.

Puebla foi para mim um convite à conversão. Convite que partia de uma Igreja sofredora, vivendo até uma situação martirial. Diante de apelos tão claros e convincentes do mundo e da Igreja, assumi a convocação do Capítulo Geral de 1975 segura de que “Somos chamadas a vivermos juntas o mistério pascal, numa abertura radical ao Pai e aos outros”. (Capítulo Geral de 1975).

CAPÍTULO III

A VIDA DO INSTITUTO.

PONTOS MAIS IMPORTANTES E DESAFIOS

ENFRENTADOS

Logo no início do trabalho do novo Conselho Geral, nós procuramos encontrar os meios necessários para implementação do Documento do Capítulo Geral de 1975. Era um apelo à Justiça e, à luz deste apelo, deveríamos realizar nossa Missão, como Instituto, tornando-nos comunidades para a Missão, sendo mulheres de fé profunda, comprometidas com Cristo, numa busca comum de uma espiritualidade apostólica, na integração de fé e vida. Outro desafio era na área da Formação dos novos membros à internacionalidade. Também neste período deveríamos envolver todo o Instituto na tarefa de escrever as Novas Constituições. O Conselho Geral manter-se-ia a par do trabalho assumido pela Comissão Internacional das Constituições.

A Declaração do Capítulo Geral de 1975 permeou toda a ação do Conselho Geral. Como meios, usamos as visitas às Províncias, os encontros internacionais: de formação, das Constituições, por faixas etárias, e outros. Enviamos cartas circulares, cartas pessoais. Fizemos estudos das atas dos Conselhos Provinciais para acompanhar a vida das Províncias, estudos sobre a História do Instituto. Redigimos o Boletim Internacional. Tivemos vários confrontos com outros Conselhos Gerais. Cada ano reuníamos-nos como Conselho Geral Ampliado. Demos apoio e incentivo às iniciativas no campo da missão e na revisão de obras. Tudo isto procuramos fazer num espírito de escuta à Palavra de Deus e num diálogo com as Provinciais e as Irmãs.

O maior desafio com o qual deparamos foi a promoção da unidade num Instituto bastante diversificado. Nossa aspiração era a criação de uma maior consciência de pertença a um todo: um corpo para a missão.

Tínhamos grandes preocupações com o reduzido número de Irmãs em Moçambique e Zimbábue. Nos momentos da luta pela independência, algumas Irmãs da Europa, América do Norte ou do Brasil se retiraram destes países, não sendo capazes de viver naquele ambiente de incertezas e de tensões.

Após um mês de Independência de Moçambique, todas nossas obras foram nacionalizadas e perdemos nossos imóveis. Um novo tipo de vida surgiu: a história nos despojou de muitos bens e lá vivíamos a insegurança de um país que procurava se impor, encontrar seu destino. Nossa vida profissional e apostólica sofreu grandes alterações.

Os esforços feitos pelo Conselho Geral para a implementação do Documento do Capítulo Geral de 1975 não encontraram ressonância num grande número de Irmãs do Instituto. Porém as participantes do Capítulo e um número pequeno de Irmãs nas diversas Províncias estavam bem conscientes da situação do mundo e queriam dar respostas novas a um mundo novo. Este fato causou bastante tensão entre as Irmãs e dificultou o acolhimento e a passagem à prática do Documento de 1975.

CAPÍTULO IV

ENVOLVIMENTO DA LIDERANÇA DO INSTITUTO COM AS CORRENTES E ORGANISMOS DA IGREJA

Quando o Conselho Geral estava em Roma, participava de encontros quinzenais e mensais para Superiores Gerais e Conselhos programados pela UISG (União Internacional de Superiores Gerais). Tomava parte também nas várias reuniões dos Grupos de Línguas, da Comissão Pontifical Justiça e Paz e do Grupo Latino-Americano. Cada ano, a UISG realizava também uma Assembleia Geral da qual participávamos. Tratava de assuntos muito importantes para a Vida Religiosa feminina.

Estes grupos deram uma contribuição à vida do Instituto firmando as convicções, incentivando a ação do Conselho Geral na luta pela Justiça. Eles nos mantinham bem dentro da evolução do mundo, com seu dinamismo, suas transformações violentas e suas exigências.

O Grupo Latino-Americano teve uma influência marcante em minha vida. Foi um despertar para o sentimento de pertença a este continente esmagado por tanto sofrimento. Passei a conhecer melhor o papel da Igreja da América Latina. Entrei em contato com os teólogos da Libertação, através da leitura dos seus livros, de reuniões com muitos deles em Roma e com a minha participação em Puebla, onde se encontravam, mesmo sem terem acesso à Assembleia. Embora fora da mesma, eles prestaram valiosa assessoria aos participantes, com uma dedicação sem limites e uma contribuição muito rica.

Na década de 70, muitos países sonhavam com sua Libertação. Esta quase sempre se encarnou num nível bem popular, sobretudo nas CEBs da América Latina, nos movimentos de bairro, nos grupos de jovens e operários. Ensaiaava-se aí uma libertação muito humilde, porém, efetiva, porque se mudavam as atitudes, a práxis de vida, os relacionamentos, a Vida Religiosa e a Igreja.

Nesta época, a Vida Religiosa e a Igreja foram desafiadas no seu sentido mais radical. “A Vida Religiosa deixou, mais e mais, de ser uma realidade – segmento da Igreja e da sociedade - e passou a se constituir uma vanguarda na pastoral da comunidade local, um agente de promoção e de libertação no meio dos marginalizados²⁶”. Muitas religiosas se solidarizavam com as angústias e esperanças, lutas e práticas populares e se identificavam algumas com os pobres, buscando viver suas formas de vida e suas lutas. Foi assim que a Vida Religiosa mostrou sua força evangélico-libertadora.

Os teólogos da época diziam: “A teologia da libertação tenta articular uma leitura da realidade a partir dos pobres e no interesse da libertação dos pobres: em função disto aciona as ciências do homem e da sociedade, medita teologicamente e postula ações que ajudam a caminhada dos oprimidos²⁷”. “A teologia da Libertação entende realizar a vocação que foi sempre a vocação original da teologia: pensar a fé em função e dentro da realidade²⁸”.

²⁶ “A vida segundo o Espírito” – Leonardo Boff – Cap. V: Os desafios atuais da vida consagrada. 1 – O dinamismo da vida consagrada entre Medellín e Puebla – Editora Vozes – Petrópolis – Brasil 1982.

²⁷ “Da Libertação. O sentido teológico das libertações sócio-históricas” – Teologia da Libertação: o mínimo dos mínimos – Leonardo Boff – Editora Vozes – Petrópolis – Brasil . 1982.

²⁸ “Da Libertação. O sentido teológico das libertações sócio-históricas” – A sociedade e o Reino – Leonardo Boff e Clodovis Boff – – Editora Vozes – Petrópolis – Brasil . 1985.

Encontrando-se no fundamento da Teologia da Libertação uma mística, que é o encontro com o Senhor no pobre, na classe marginalizada e oprimida, muitas das RSCM optaram por viver de acordo com esta teologia. Pode-se mesmo dizer que a Teologia da Libertação é a teologia das Igrejas pobres e periféricas do 3º Mundo. Na África, ela incide sobre as culturas autóctones, mantidas sob o cativo das culturas dominantes dos colonizadores ou aliados. Na América Latina, o desafio é lançado pela injustiça social que sofre a maioria de seu povo.

Nesta época, vimos o despertar de alguns países do Primeiro Mundo quanto à situação do 3º Mundo. Foram sentidos gestos de solidariedade, tomadas de posição, iniciativas numa linha conjunta em busca de um mundo mais igual e mais irmão. Este despertar atingiu grupos de Irmãs nossas que entraram em movimentos de defesa dos direitos humanos, manifestações contra o armamentismo, grupos de Justiça e Paz, Anistia Internacional e outros.

CAPÍTULO V

RELACIONAMENTO COM AS PROVÍNCIAS: MUDANÇAS, MINISTÉRIOS, TRABALHO, ESTILO DE VIDA

No período de 1975 – 1980, o Instituto continuou vivendo a situação das mudanças iniciadas no Vaticano II. Para preparar o Capítulo Geral de 1980, o Conselho Geral rezou e refletiu bastante sobre o estado do Instituto naquele momento. Apresentou ao Capítulo Geral de 1980 sua visão do Instituto que aqui reproduzo:

Nossa visão do Instituto

Nós, como Instituto, temos procurado, neste últimos anos, termos uma ideia mais clara de nós mesmas, de nossa identidade. Tentamos viver seu ideal em nosso tempo, com suas circunstâncias específicas. Tentamos ler os “sinais dos tempos” e perceber sua mensagem. Estamos atentas às necessidades dos tempos e procuramos crescer na vivência do Evangelho. Como Instituto, nós nos tornamos mais realistas, mais conscientes de nossa vulnerabilidade, o que nos dá maior abertura para Deus e maior consciência de nossa dependência d’Ele. A conscientização para a justiça no mundo levou pequenos grupos a partilharem da vida dos que sofrem e são oprimidos. Mas, ainda temos medo do risco. Nossa resposta ao apelo à justiça trouxe tensão à vida do Instituto. Há tensão entre os novos ministérios e os ministérios tradicionais. Esta tensão foi penosa, mas, foi amadurecedora. Há evidência de crescimento na oração, no desejo de viver nosso compromisso, com mais autenticidade. Foram feitos muitos esforços para a revitalização das comunidades locais, mas parece, que, como Instituto, ainda não

somos capazes de ultrapassar os limites de nosso conforto. Com a preparação para as Constituições houve uma real renovação no Instituto. Esta preparação, a concretização das orientações dos Conselhos Gerais Ampliados, programas feitos em nível provincial e geral, mostraram que somos uma comunidade em formação. O trabalho com as Constituições fez-nos ver a necessidade de redescobrirmos as nossas Fontes e surgiu novo interesse pelo Fundador.

Nosso número diminuiu, não somente por causa das mortes e saídas, mas também porque temos poucas vocações. A maioria de nossas religiosas tem de quarenta a cinquenta e cinco anos. As saídas, normalmente, ocorrem dos trinta aos quarenta e cinco anos. Estas estatísticas devem influenciar nossa formação continuada. Há maior participação e responsabilidade das Irmãs nas tomadas de decisão e maior compreensão da importância do serviço à província. Apesar de ter havido muita discussão e questionamento sobre nossa missão e uma maior conscientização sobre “ser enviada”, parece que há diminuição na disponibilidade para a missão e ideias pouco claras sobre obediência para a missão.

Em nossa vida, como comunidades apostólicas, surgiram certas tendências: ministérios mais diversificados, individuais, estão se desenvolvendo dentro do Instituto e há uma certa desinstitucionalização de nosso apostolado. Esta tendência pode ser devida à maior liberdade na escolha dos ministérios, como às necessidades de nosso tempo. Há também a circunstância de sermos menos numerosas. Por causa da variedade dos ministérios, multiplicação das necessidades e menos pessoal, é importante estabelecerem-se critérios e prioridades para a escolha e avaliação de nossos ministérios. Estas tendências fazem-nos conscientes de nossa interdependência e da

necessidade de maior colaboração entre as províncias. Isto nos questiona: O que significa para nós, internacionalidade? Como renovamos nosso espírito missionário? Como nos situamos no processo de inculturação?

Aumentou o número das pequenas comunidades e há um estilo de vida mais pessoal. Este tipo de comunidade deu oportunidade a maior inserção na vida do povo. Ao mesmo tempo, algumas Irmãs não conseguiram viver este estilo de vida e houve fragmentação. Como atendemos às necessidades das Irmãs que precisam viver em grandes comunidades e em comunidades mais estruturadas? Como ajudamos as comunidades a integrar vida e missão apostólica? Com a multiplicação das pequenas comunidades seria necessário repensarmos a re-estruturação e agrupamento das comunidades locais?

No governo do Instituto, optou-se pela descentralização, que teve efeitos positivos, mas aumentou o risco do provincialismo. A consciência deste problema fez-nos procurar maior equilíbrio entre unidade e diversidade.

A natureza do nosso Instituto fez-nos procurar novos tipos de inter-relação entre os vários níveis e entre as províncias, para que a interdependência seja uma realidade concreta em nossa vida. Parece que precisamos pensar novamente qual deve ser nossa atitude em relação às diversas unidades dentro do Instituto. Uma pergunta importante é: Como as estruturas facilitam, ou dificultam nossa missão?

Na formação inicial, foram feitas programações mais pessoais e houve a colaboração intercongregacional. A falta de grupos jovens apresenta novas dificuldades e precisamos encontrar novos meios de colaboração entre as províncias.

Sente-se a necessidade de uma base comum em nossos programas de formação para o Instituto. Salientou-se a importância da comunidade de formação. A nossa formação inicial prepara a vida religiosa do futuro? Como está inserida na realidade do nosso tempo? Proporciona um aprendizado tanto prático, como teórico? O número de vocações para o Instituto é um problema sério. O que estamos fazendo pelas vocações? Por que temos tão poucas vocações? Estas são perguntas que devemos nos fazer, pessoalmente e como Capítulo.

A formação permanente é a grande prioridade do Instituto e em alguns casos há necessidade de maior integração de vida, nas programações e orientações destes programas. Movimentos de oração, estudo e reflexão sobre a Sagrada Escritura, retiros dirigidos ajudaram muito na renovação pessoal, mas, ainda estamos procurando meios de fazer com que a oração se transforme em vida, ainda procuramos uma real integração para que possamos ser, verdadeiramente, contemplativas na ação.

Estamos em uma encruzilhada da história do nosso Instituto e, semeadas em nossas mortes, percebemos sementes de vida e de vitalidade. Vivemos um tempo de grandes esperanças e é na esperança que caminhamos para o futuro, com coragem e humildade, proclamando por nossas vidas e nosso serviço que Deus está no meio de nós e n'Ele nos regozijamos²⁹.

²⁹ Relatório do Conselho Geral para o Capítulo Geral de 1980



CAPÍTULO VI

PESSOAS SIGNIFICATIVAS NA VIDA DO INSTITUTO

Ao pensar em pessoas significativas para a vida do Instituto, imediatamente salta-me ao pensamento a pessoa das duas conselheiras com as quais trabalhei tão intimamente:

Irmãs Edmund Harvey e Consilio O'Regan.

Estas duas mulheres assumiram seriamente sua Missão no Instituto e, muito especificamente, o Documento do Capítulo Geral de 1975, colocando todas suas energias e seus dons para levá-lo à prática, incentivando todas as Irmãs do Instituto a entrar nesta nova caminhada: Missão – um apelo à Justiça.

Ir. Edmund Harvey deu sua grande capacidade de organização, seu pensamento rápido e claro, sua alegria e disponibilidade, sua amizade a toda prova.

Ir. Consilio O'Regan deu sua visão de futuro, sua simplicidade e despretensão, seu profetismo e seus silêncios maduros, sua veia poético-sonhadora, sua dedicação, amor à justiça e à verdade.

Estudamos juntas, refletimos juntas, rezamos juntas, decidimos juntas. Dedicamos horas e horas às reuniões do Conselho, planejando encontros internacionais, visitas às Províncias, partilhando as novas correntes mundiais da Vida Religiosa e do Instituto, preparando os CGAs e o Capítulo Geral de 1980, estudando nossa história de RSCM e preparando as novas Constituições.

Passamos juntas horas de alegrias, passeios, preocupações, celebrações, dificuldades e sobretudo de muitas buscas. Todas as Irmãs que viveram na Casa Generalícia durante aquele período, sobretudo a Secretária, Frances Lane, e a Ecônoma, Mary McHugh, tiveram sua contribuição específica na vida do Instituto, dando-nos apoio, colaborando em tudo com o Conselho Geral, criando conosco uma comunidade que deixou laços profundos.

O Conselho Geral começou sua missão no Instituto no exato momento em que o Cardeal Eduardo Pirônio começava sua Missão em Roma como Prefeito para a Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares.

Durante cinco anos, ele foi um grande amigo sempre pronto a me receber, a me orientar, a me dar apoio. Com sua bondade, seu grande e sensível coração latino-americano, sua compreensão, foi uma pessoa muito significativa na vida do Instituto e uma força para a Vida Religiosa em geral e para nós em particular.

Foi ele quem sugeriu meu nome ao Santo Padre para a participação na Conferência de Puebla e foi João Paulo I quem me fez o convite. Ele celebrou com as religiosas jovens na reunião internacional de espiritualidade e com as delegadas ao Capítulo Geral de 1980. Sempre nos deu a alegria de sua presença amiga e nos animava com palavras de esperança.

Também o Padre Pedro Arrupe, Superior Geral dos Padres da Companhia de Jesus, foi uma voz forte nas “Reuniões dos 16” Superiores Gerais junto à Sagrada Congregação, numa tentativa de diálogo e comunicação. Aproveitei muito de sua experiência, nas preparações que tínhamos na Cúria Generalícia

dos Jesuítas antes destas reuniões. Ele também esteve na abertura do Capítulo Geral de 1975, abrindo nossos horizontes quanto a novas formas apostólicas.

Estas pessoas aqui citadas e muitas outras que agiram no silêncio e no escondimento deram sua parcela de estímulo, de vida, colaborando para que o Instituto seguisse a sua trajetória de busca para um melhor serviço ao mundo e à Igreja.

CAPÍTULO VII

RÁPIDAS MUDANÇAS NAS SOCIEDADES ONDE ESTAMOS INSERIDAS

Nosso Instituto estava naquela época, como hoje, inserido num mundo de intensa complexidade, contrastes violentos e mudanças rápidas e radicais. As comunicações sociais mostravam constantemente o abismo crescente entre os pobres e os ricos, salientando a interdependência das nações. Vivíamos um momento em que a violência, a guerra e o terrorismo eram acontecimentos de cada dia. As rápidas mudanças políticas, a conquista da independência de países africanos, provocavam os movimentos migratórios envolvendo milhares de pessoas. A Igreja sofria perseguições em alguns lugares, em outros, os cristãos eram torturados e até martirizados.

Os países em desenvolvimento adquiriam nova vitalidade, aumentando o número de vocações. Por um lado, havia grande sede espiritual, movimentos de jovens, com crescente desejo de autenticidade e maior consciência dos direitos humanos. Por outro lado, reinava o secularismo, o materialismo, o ateísmo e contínua falta de respeito pela vida humana. Várias pessoas sofriam a solidão e a alienação. A desintegração da família provocava maior necessidade de pertença a um grupo e de busca de segurança. A Igreja se colocou ao lado do pobre. Nós, religiosas, procuramos nos envolver ativamente na problemática do mundo dos pobres e injustiçados. Os leigos, especialmente as mulheres, tornaram-se mais conscientes de seu ministério na Igreja e, acima de tudo, sentiam a força do Espírito em seu meio.

Algumas religiosas do SCM estavam muito conscientes de seu chamado a continuar a Missão geradora de vida de Jesus Cristo³⁰ naquelas circunstâncias do mundo de então. Nós nos interrogávamos frequentemente: como viver nossa vida de RSCM neste contexto de luta pela libertação, pela afirmação de muitas nações?

Em quase todo o Instituto, vivemos uma séria revisão das obras, com a consequente transformação ou supressão daquelas que não eram resposta ao momento. Assim, algumas escolas se transformaram em lares e creches, outras obras foram nacionalizadas, levando as Irmãs a se adaptarem a uma nova maneira de viver e de agir apostolicamente. Urgências surgiram nas áreas rurais e periferias de grandes cidades e para lá se dirigiram muitas Irmãs, inserindo-se em áreas de fronteira. Eram grupos de Irmãs comprometidas com o trabalhador/a do campo e com a classe operária. As Irmãs entraram no processo de análise de nossas responsabilidades, diante do pecado social, e foram procurando seu verdadeiro lugar na história, tentando dar respostas corajosas.

As mudanças que se deram na vida das religiosas do Instituto do Sagrado Coração de Maria, em consequência das transformações da sociedade, foram muitas vezes dolorosas, outras vezes cheias de esperanças e de luzes. As mudanças quanto ao estilo de vida, foram profundas. Novos ministérios exigiram uma forte estrutura interna da religiosa. O novo estilo de vida as expunha a uma vida secularizada, tendo que enfrentar o mundo do trabalho com suas competições, convivendo, muitas vezes, em ambientes com valores contrários aos valores Evangélicos.

³⁰ Declaração da Missão

As comunidades tiveram que encontrar seu ritmo de acordo com o ritmo do povo, de acordo com o ritmo do trabalho profissional. Eram contínuos os desafios que exigiram muito discernimento, muitas opções e decisões.

Vimos que a História nos forçou a mudanças profundas, a despojamentos radicais que nós não tivemos a coragem de realizar por nós mesmas.

CAPÍTULO VIII

MOMENTOS SIGNIFICATIVOS DURANTE OS ANOS 1975 - 1980

É importante lembrar os momentos que, a meu ver, foram significativos, naquele período, para a vida do Instituto.

Os Conselhos Gerais Ampliados

No CGA de 1977, que se realizou na Inglaterra, estudamos o tema Autoridade e Obediência para a Missão. A obediência foi encarada como base de nosso engajamento em um Instituto Apostólico Internacional. Encaramos a autoridade como serviço e analisamos o conceito de “ser enviada”. Em espírito de obediência à missão do Instituto na Igreja, tentamos discernir um apelo concreto de Deus para o Instituto naquela época. Depois de longo discernimento, na oração, concluímos que cada Província deveria mandar um grupo de Irmãs para viver e trabalhar entre os pobres. Este foi um passo na fé e na obediência concreta à Declaração do Capítulo de 1975 que até hoje vem garantindo a presença das RSCM com os pobres e, em alguns lugares, como os pobres.

O CGA de 1978, realizado no Brasil, deu às participantes a ocasião de entrarem em contato com o Terceiro Mundo e com uma Igreja nova e profética em muitos lugares. Foi sugerido às participantes que realizassem uma experiência de inserção no meio dos pobres, expondo-se a uma cultura diferente de sua própria, durante um determinado tempo, numa realidade do 3º Mundo. Durante o CGA, as participantes tiveram a oportunidade de partilhar sua experiência com o grupo todo.

O assunto principal desse CGA foi o estudo do Papel profético da Vida Religiosa na Igreja hoje. Durante o CGA, visitamos comunidades da periferia e da favela do Rio de Janeiro para conhecermos a vida do povo e o trabalho pastoral dos agentes que lá militavam. Também escutamos a voz autorizada de Dom Luciano Mendes de Almeida, Bispo Auxiliar de São Paulo, na época, e de Dom Waldyr Calheiros – o Bispo dos operários – profético e corajoso, da Diocese de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Ainda muitos outros religiosos ativos na vida da Igreja celebraram conosco como o teólogo João Batista Libânio, SJ. Esse CGA e essas experiências foram muito valiosas para a vida do Instituto.

Creio que foi importante a presença também das Conselheiras Provinciais no CGA de 1979, na França, para o estudo sobre governo.

Encontros Internacionais

Durante aquele período, o Governo Geral continuou a promoção de Encontros Internacionais, buscando atingir alguns grupos do Instituto. Em dezembro de 1978, todas as Irmãs de língua espanhola se reuniram em Cuernavaca, México. Foi uma ocasião de ricas partilhas, descobertas, afirmações, com a possibilidade de as Irmãs se expressarem em sua língua materna e de viverem um tempo de Natal tipicamente latino-americano com seus cantos, danças, costumes. Creio que se formaram laços fortes entre as Irmãs do grupo que vivem, muitas delas, fora do contexto e das tradições do seu povo. Este foi um momento de profundas alegrias e de muita riqueza para as Irmãs Colombianas e Mexicanas.

Dando continuidade aos Encontros Internacionais por faixa etária, o Conselho Geral propôs às Províncias um encontro mais prolongado para as Irmãs mais novas. O programa Internacional de Espiritualidade durou dois meses, entre Béziers e Roma. Este deu a oportunidade às jovens religiosas de um aprofundamento do pensamento do Fundador e das primeiras Irmãs do Instituto, entrando em contacto com a nossa história através de visitas, estudos, pesquisas, durante as duas semanas que passaram no berço do Instituto. Em Roma, durante um mês e meio, aprofundaram os estudos sobre a Vida Religiosa, tendo ótimos professores que acompanharam as religiosas naqueles dias. Estes dois meses deram às jovens religiosas a possibilidade de compreender o valor da internacionalidade e aprofundar o sentido de nossa Missão de RSCM. Foram dois meses de um trabalho intensivo em que as Irmãs mergulharam em nossas origens e se puseram numa atitude de escuta à voz da Igreja e da vida que as convocava para outros caminhos.

As Novas Constituições

No período de 1975 – 1980, todo o Instituto viveu o desafio de re-escrever as Constituições e participamos de reuniões da Comissão Internacional das Constituições, de encontros Provinciais ou entre províncias, em Roma, na França e em Nova York. Estas reuniões preparatórias das Novas Constituições e os estudos das Fontes foram importantes para uma reflexão mais profunda sobre o Espírito e Missão de nosso Instituto. Com este mergulhar nas Fontes compreendemos melhor a nossa história de RSCM e o DOM que Gailhac é para nós e para a vida da Igreja.

A transferência da Casa Generalicia

Outro fato relevante acontecido neste período foi a transferência da Casa Generalicia para Via Luchesi situada no centro da cidade de Roma. Este acontecimento nos proporcionou a possibilidade de vivermos mais simplesmente e de estarmos no coração da cidade de Roma. Apesar das dificuldades, como a falta de espaço suficiente para os arquivos do Instituto, nós todas acreditamos que este foi um passo concreto na busca de maior conhecimento das dificuldades da vida, maior contato e solidariedade com o povo e um estilo de vida mais simples, assumindo os trabalhos da casa, vivendo num ambiente mais compacto com suas limitações e exigências.

O Capítulo Geral de 1980

Em agosto de 1980, realizou-se em Roma, o 16º Capítulo Geral do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Nele, foram aprovadas as Novas Constituições das RSCM e foi eleita a décima Superiora Geral da Congregação, a Irmã Mary Milligan. No final do Capítulo, passei a direção do Instituto para minha sucessora, com estas palavras:

É a nossa última sessão. Fim de trabalho. Fim de uma fase. Princípio de uma nova caminhada. Muitas de vocês escolheram a palavra “encruzilhada” para descrever a RSCM. É assim que me sinto:

numa encruzilhada. Ao olhar para trás, lembro-me de cada momento, de cada curva do caminho. Cheia de gratidão, agradeço a cada mão estendida, num gesto de apoio, a cada olhar amigo, que me dizia: “vale a pena suportar o peso do dia e do calor”, por causa da missão. Ao olhar para trás, os meus

olhos se enchem de lembranças.

Lembro-me que em Mali, entre as tradições das famílias mais antigas, há o “pedido do caminho”. Qualquer visitante, só pode deixar a aldeia depois que “o caminho lhe for concedido” pelo chefe da família. E este o acompanha até o limiar da “concessão”, cumulando-o de bênçãos. Em Pentecostes, pedi o caminho ao Instituto e, agora, ao começar a caminhada, creio ser chegado o momento das bênçãos, e a todas peço que rezem por mim.

Também à Mary, Brid e Lúcia³¹ foram concedidos novos caminhos e, como representante do Instituto, neste momento, quero dizer-lhes:

“O Senhor as abençoe e as guarde! O Senhor lhes mostre a Sua Face e conceda-lhes a sua graça! O Senhor volva o seu Rosto para vocês e lhes dê a paz!”. (Nm. 6,22)

“Neste novo dia, ide para onde o coração as conduzir. Andem por onde quiserem, pois o caminho é de vocês. Permitam que as tempestades aconteçam. Cada tempestade dar-lhes-á a oportunidade de provar que o coração de vocês é sábio e que a escolha feita por vocês foi a melhor”. (M. Rider)

Conheço uma congregação que tem uma aliança, que é passada de uma superiora geral a outra. É um bellissimo símbolo. Creio que para nós o que liga uma superiora geral a outra é esta fé inabalável de que o Senhor está conosco, em nossa caminhada, como Instituto, na construção de nossa história.

³¹ Superiora geral: Mary Milligan, Conselheiras gerais: Brid McGrath e Maria Lúcia Brandão, Secretária geral: Catherine Dolan, Ecônoma geral: Judith Lupo.

Que a fê lhe seja força, querida Mary, ao empreender novos caminhos para o Instituto. Foi segurando nas mãos de Maria, que começamos este nosso Capítulo. É ao Coração de Maria que confio você, Mary, e todo o Governo Geral. A Maria confio os destinos do Instituto.

Depois de rever a história deste percurso de cinco anos, vividos na coordenação do Instituto, recordando intensamente aqueles momentos de graça, sou convocada fortemente a celebrar esta história tão simples – com toda a sua lentidão e que exige muita paciência – dando graças e louvores a Deus, por ter sido tão enriquecida também pelas pessoas com as quais cruzei naquele período.

Foi uma caminhada em que percorri uma estrada de compromisso com o Senhor da História, compromisso com as Irmãs do Instituto, compromisso com a Igreja e com o povo.

Foi uma caminhada formada de limites e acertos, mas posso dizer que como Moisés caminhava “como se visse o Invisível” (Heb 11,27), segura da força de Deus que me animava, ouvindo sempre o que Ele dizia continuamente: “Não temas, eu estou contigo para proteger-te”. (Jer 1,8)

Integrando todas estas experiências à minha história pessoal e tecendo uma síntese da minha vida digo com São Paulo: “Continuo correndo para conquistar o prêmio porque eu também fui conquistada por Jesus Cristo”. “Avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto que Deus me chama a receber com Jesus Cristo”. (Fl 3,12.13.14)



Anexos

ANEXO I

MISSÃO - UM APELO À JUSTIÇA
Texto do Capítulo Geral de 1975

No mundo, na Igreja e em cada uma de nós, há uma consciência cada vez maior de que Deus está presente, até ao mais fundo de toda a história humana, e que o seu poder de transformação e libertação, em e através de Cristo, deve ser transmitido a todos e para o bem de todos.

A esta luz, como Capítulo chegamos à conclusão de que a missão do Instituto é mais do que nunca, um apelo à justiça - uma justa partilha desta transformação e desta libertação, com toda a humanidade.

Segundo o que nos revela esta nova consciência de missão vemos que:

Trabalhar pela justiça já não é uma opção

A situação do mundo, com a sua pobreza e miséria, com a opressão e a guerra, com o isolamento e a violência, com o desequilíbrio cada vez maior na distribuição de recursos e bens, incita-nos a uma resposta ativa e radical.

Estamos convencidas de que trabalhar pela justiça é uma “dimensão constitutiva da pregação do Evangelho” (Justiça no Mundo, Sínodo de 1971).

A evidência da mensagem do Evangelho, o contínuo apelo da Igreja, a vida e espírito do Padre Gailhac e a consciência das Irmãs de todo o Instituto, levaram-nos a esta convicção.

Estamos bem certas de que ela deve penetrar todos os aspectos da nossa vida pessoal e comunitária.

Um apelo à justiça é um apelo àqueles que mais precisam de uma libertação humana. Quem são os que precisam de libertação?

Todos os que estão privados da possibilidade e liberdade de crescer e de amadurecer, como verdadeiras pessoas humanas, quer esta privação seja motivada por eles próprios, pelo seu próprio ambiente, quer pelos sistemas e estruturas da sociedade em geral.

Reconhecemos que, como Instituto, ainda não encaramos totalmente o apelo à justiça, nas nossas vidas e no trabalho que fazemos.

Afirmamos que, viver hoje a nossa missão, requer de cada Irmã e de cada Província uma educação para uma nova tomada de consciência.

Afirmamos que, a fim de responder ao apelo à justiça, temos que experimentar a pobreza, um estilo de vida simples, e procurar um contato mais direto com os pobres.

Afirmamos que, em espírito de discernimento, cada Província deve:

- identificar claramente quem são as vítimas da injustiça, nessa Província e em cada país.
- identificar os males que provocam a injustiça e comprometer-se a resistir às estruturas, quer locais, quer nacionais ou globais, que causam a opressão e impedem a fraternidade entre os povos.

Afirmamos que cada Província e todo o Instituto devem encontrar os meios de pôr os nossos talentos e recursos ao serviço deste apelo à justiça.

Estamos cada vez mais conscientes de que trabalhar pela justiça e viver na justiça significa “não levar nada para o caminho” e perder a nossa vida” (Lc 9). “O discípulo não é mais do que seu mestre” (Jo 13,16)

Face à interpretação desta vida evangélica radical, que implica um risco pelo desconhecido, a perda de segurança, o sofrimento, precisamos, mais do que nunca, uns dos outros.

Reafirmamos, portanto, que a comunidade é uma expressão integral do nosso apelo à missão.

Compreendemos agora melhor, que:

A comunidade é missão e para a missão

A nossa vida de comunidade deve ser centrada e partilhada em Cristo, enraizada na realidade e numa autêntica abertura às necessidades dos que nos rodeiam.

Cada Irmã tem o direito de esperar, e a responsabilidade de criar, uma comunidade:

- de apoio e empenhamento
- de oração pessoal e comunitária
- de testemunho concreto de amor libertador, que é a melhor expressão de justiça.

Acentuamos a necessidade de um estilo simples de vida, que deve encontrar expressão:

- no nosso modo de relação com os outros
- naquilo que possuímos, pessoal e comunitariamente
- no uso que fazemos dos bens materiais.
- no discernimento, a nível pessoal e comunitário, que ponha em confronto a nossa experiência vivida, com o Evangelho.
- na abertura à comunidade local e provincial e à missão total do Instituto.
- num conceito de comunidade, mais vasto, e uma procura contínua de novas formas de comunidade, que deem o apoio necessário a todas as nossas Irmãs.

Uma vivência tão evidente do Evangelho terá como resultado, ficarmos em contradição com certos valores da sociedade e será uma autêntica participação no paradoxo morte-vida, que é, ao mesmo tempo, libertador e fonte de libertação.

Somos chamadas a viver juntas o mistério pascal, numa abertura radical ao Pai e aos outros. Isto desperta uma tensão criadora entre a nossa necessidade

- de empenhamento ativo e de interiorização
- de solidão e de oração em comum.

Afirmamos, portanto, a urgência de continuar

a nossa procura de maior integração na nossa vida

de modo a poder reconhecer a presença e ação de Cristo na situação humana da nossa vida e nas vidas dos que contactam conosco.

Como Capítulo, temos rezado, individual e comunitariamente, sobre a nossa experiência vivida à luz do Evangelho.

Pedimos agora ao Senhor, com confiança, que leve todo o Instituto a

“atuar com justiça

amar com ternura

e caminhar humildemente com o nosso Deus”.

(Miq 6,8)

ANEXO II

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via di Villa Lauchli, 180
(Via Cassia Antica)
00191 Roma

22 de Agosto de 1975

Muito queridas Irmãs

Ao lhes dirigir a palavra pela primeira vez, falo como S. Paulo: “Sei em Quem pus a minha confiança e estou certo de que Ele é bastante poderoso para guardar o meu depósito” (2 Tim 1,12).

Correspondendo à confiança em mim depositada, coloco todo o meu ser a serviço da Igreja, no Instituto, como um pouco de trigo, que pela força de Deus se transforme em Corpo de Cristo, como um pouco de pão, que pela força de Cristo se multiplica para atender às necessidades de muitos.

Nestes dias de reflexão, de escuta do Espírito, procuramos ouvir todas as vozes do mundo: a voz dos que gritam pedindo socorro, a voz daqueles que nem mais voz têm para pedir. Procuramos, sobretudo, no meio de todas estas vozes, distinguir a voz do Espírito que nos chama a novas posições, a um engajamento total de cada uma de nós pela causa da justiça.

“A situação do mundo, com sua pobreza e miséria, com suas guerras e opressão, com sua solidão e violência, com sua crescente injustiça na distribuição de bens, exige de nós uma resposta activa e radical” (Reflexão do capítulo atual).

Situadas dentro de uma história, nossa missão está definida pelos desafios da própria situação histórica.

Como responderia nosso Fundador aos desafios de hoje? Somos chamadas a nos transformar e também a modificar a sociedade onde nos encontramos, procurando ser fieis ao Pe. Gailhac.

Uma consciência crítica nos dará a lucidez necessária para a interpelação dos acontecimentos mundiais e para o discernimento das novas necessidades e dos novos apelos. Compete a cada uma de nós dar uma resposta nova, que ninguém pode realizar em nosso lugar.

“Sempre há momentos em que o homem há de decidir, escolher, promover ou destruir realidades humanas e sociais. O homem realiza-se dentro de uma vocação e esta é uma porção dentro de um destino coletivo de muitas gerações” (Comblin).

Como Instituto, somos chamadas a uma conversão, a uma vida mais radicalmente evangélica, trabalhando para construir um mundo mais justo.

Agradeço muito a cada uma das Provinciais, a cada comunidade, a cada irmã, as manifestações de presença junto a mim, ao receber a nova missão de servir o Instituto. Apoiada pelas orações e estímulo de cada uma das Irmãs, desejo estar a serviço com a disponibilidade de Maria.

É, portanto, no apoio de todo o Instituto e no poder do Espírito que encontro força para começar esta nova missão.

Penso voltar ao Brasil logo depois do Capítulo, para estar em Roma na primeira quinzena de outubro.

Toda a afeição da

Maria de Lourdes Machado, RSCM

ANEXO III

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via di Villa Lauchli, 180
(Via Cassia Antica)
00191 Roma

27 de novembro de 1975

Muito queridas Irmãs

Já estando todo o conselho “em casa” e tendo começado nossas reuniões para partilhar nossas orações, luzes, aspirações, ideias, vidas - a serviço da Igreja, no Instituto - queremos estender a todas nossas reflexões, nossos planos.

Buscando ver claro qual seria nosso objetivo primeiro para a realização da missão que recebemos no Capítulo, descobrimos que não poderá ser outro que:

Colocar todos nossos esforços, todos nossos dons para que o texto capitular “Missão - um apelo à justiça” passe à vida, trabalhando em grande harmonia com as descobertas das diferentes províncias e buscando colocar todo o Instituto numa união de forças, numa missão dinâmica comum, universal e eclesial.

Para a realização de nosso objetivo queremos entrar em contacto com as províncias e estar muito presentes à vida das Irmãs, por diferentes modos de presença.

Pensamos em começar nossa missão com uma rápida visita a Béziers para rezar na Casa Mãe, junto a nossos queridos Fundadores, buscando luzes sobre a inspiração original do Pe. Gailhac e para sermos fieis a nosso carisma na Igreja de hoje, dando-lhe respostas corajosas.

No intuito de corresponder aos anseios do Capítulo, desejamos visitar todas as Províncias dentro do período de 20 meses, começando em março de 1976.

Em julho, teremos uma ótima ocasião de um contato com todas as Provinciais em New York, durante o Conselho Geral Ampliado. Através das Provinciais teremos a presença de todas as Irmãs.

Para organizar nosso trabalho, estamos contatando as Provinciais, pedindo-lhes sugestões, apresentando-lhes nossos planos iniciais de presença às Províncias. Quando estiverem precisos os dados, nós lhes enviaremos nossa agenda.

Foi muito enfatizado durante o Capítulo, a importância da comunicação constante. Estamos bem convencidas de sua necessidade para atingirmos nosso crescimento na internacionalidade, na universalidade, na unidade. Todos os acontecimentos das Províncias interessam-nos vivamente e também será muito bom iniciar ou aumentar a intercomunicação provincial - fonte de conhecimento, de apoio, e de mútuo enriquecimento.

Aproveitamos a oportunidade para algumas comunicações:

Depois do Capítulo Geral foram nomeadas duas novas Provinciais, Irmã Maria José Caldas para a Província Brasileira e Irmã Columba Kavanagh para a Província Americana de Leste.

De 6 a 13 deste, tivemos aqui em Roma a assembleia das superiores gerais onde foram tratados temas de grande interesse como: “A religiosa e o Deus da Fé”, “A religiosa na Igreja” e “A religiosa no mundo”. Este último tema foi muito bem apresentado pela Ir. Mary Milligan.

A reunião internacional do Natal, como nos anos anteriores, está sendo organizada. Também nessa ocasião teremos a oportunidade de trocar ideias, ouvir as Províncias, sentir a vida das Irmãs, ouvir sacerdotes qualificados que nos ajudarão a aprofundar nosso conhecimento do texto capitular, buscando meios para torná-lo vida, ação.

Como tudo começa na casa generalícia, estamos também vivendo uma fase de organização, de reflexão sobre o pessoal necessário para que possamos atingir melhor nossos objetivos e nossa tarefa.

É muito importante aprender as línguas que mais nos ajudem a uma boa comunicação com as Irmãs do Instituto e estamos prevendo um tempo para este aprendizado.

Acima de tudo, temos procurado interiorizar bem nosso texto capitular. Temos rezado com Isaias (50, 4-6), pedindo ao Senhor que nos dê uma língua de discípulas e que, todas as manhãs, Ele aguçe nosso ouvido para que possamos ouvir como discípulas. Que Ele nos abra os ouvidos e que nunca façamos resistência e que nunca voltemos atrás naquilo que tivemos a coragem de decidir e de assumir no Capítulo de 1975.

Que o Evangelho todo e particularmente o capítulo 9 de S. Lucas continuem sendo a luz inspiradora que nos façam

atuar com justiça

amar com tenura

e caminhar humildemente com o nosso Deus

(Miquéias 6,8)

Com toda nossa afeição, asseguramos muita união no Cristo,

Maria de Lourdes RSCM
Edmund RSHM
Consilio RSHM

ANEXO IV

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via di Villa Lauchli, 180
(Via Cassia Antica)
00191 Roma

Janeiro 1976

Queridas Irmãs,

Refletindo sobre o documento de nosso Capítulo e procurando responder ao desafio que ele nos dirige, fiquei impressionada com a ênfase dada a uma vida totalmente integrada em Cristo. Se nossa vida tem esta integração, o poder de transformação de Cristo trabalha através de cada uma de nós e nos faz agentes de “transformação” num mundo de “pobreza e de miséria, com a opressão e a guerra, com o isolamento e a violência”.

Então eu me fiz algumas perguntas: Por que são tão pouco evidentes, na vida das milhares de religiosas que existem no mundo, estes sinais de transformação? Será que acreditamos realmente que temos este poder? Será que revelamos por nossa vida os valores evangélicos? Em que medida estão nossas vidas assim totalmente integradas, entregando-nos ao domínio deste poder ou em que medida nós o impedimos?

Quando o documento fala sobre a integração de nossa vida, ele nos leva a um profundo questionamento sobre nossa missão: “vivermos juntas o mistério pascal numa abertura radical ao Pai e aos outros”.

Este desejo de levar uma vida profundamente entregue ao Senhor e ao próximo provoca uma tensão no interior de nós mesmas.

Muitas vezes, pensamos em resolver nossas tensões entre duas possibilidades, escolhendo uma e deixando outra porque as vemos como realidades que se excluem em lugar de as vermos como complementares. A tensão que assim experimentamos se torna uma fonte de angústia, de medo, em lugar de se tornar uma fonte de criatividade e de vida. A fonte que faz nossa vida criativa e unificada é o Espírito que vive em nós. Quanto mais sensíveis formos ao apelo de Deus em nossos corações, mais seu amor nos impulsionará e nos levará, com urgência, à ação.

A resposta de Maria, no momento da Anunciação, foi a expressão de sua vida. O momento de graça no qual “o poder do Espírito a cobriu com sua sombra”, levou-a logo à ação: ela foi “às pressas às montanhas” para estar com Isabel. Nosso movimento de ir ao encontro do Senhor significa necessariamente ir ao encontro do ser humano. “Nosso engajamento na ação será autêntico quando tiver sua fonte na contemplação que traz à oração as angústias daqueles que não são livres de serem pessoas humanas” (Clarke; *The Way*, julho de 1973) A perfeita expressão da tensão criadora se encontra no mistério da Encarnação.

Podemos ver a mesma fé em ação em nosso Fundador. Esta fé aparece em sua vida por uma dedicação total que sabia vencer todas as barreiras diante de uma necessidade, mostrando um amor sem medidas. A passagem do Evangelho “Eu vim trazer fogo à terra e como gostaria que já estivesse aceso!” (Lc 12, 49) aparece frequentemente em seus escritos. O símbolo do fogo representa para o Pe. Gailhac a força do amor. “A pessoa que quer realizar as obras que buscam a glória de Deus deve,

por sua graça, estar abrasada neste amor divino porque o zelo é a chama do amor. A pessoa que se deixa dominar pelo amor de Deus não pode ficar inativa. O zelo deve ser generoso como a chama que sai do fogo para lançar-se a tudo o que pode atingir. O zelo é generoso e não pode ser abafado. (Vida Religiosa-cap. VI) A fé em ação foi para o Pe. Gailhac a fê-zelo que caracteriza nosso Instituto. Nosso Fundador compreendeu que a missão do Cristo é a nossa missão.

Como podemos hoje, como Instituto e individualmente, tornar evidente o binômio fê-zelo? Será que nossas vidas mostram, claramente, generosidade, dedicação total, entusiasmo? Ficamos satisfeitas com a simples constatação do que se passa? Estamos prontas a sair de nossas confortáveis e instaladas esferas de atividades para darmos uma “resposta ativa e radical” àqueles que tem mais necessidade de nós?

Rezemos bem unidas, pedindo ao Senhor este dom de fê-zelo para o Instituto a fim de que uma vida nova surja em cada uma de nós, transformando-nos em verdadeiras agentes do poder libertador e transformador de Cristo.

Contem com minhas orações para que o Senhor abençoe a missão de cada uma durante o Novo Ano de 1976.

Com toda a minha afeição,

Maria de Lourdes

ANEXO V

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via dei Lucchesi, 3
00187 Roma

24 de fevereiro de 1977

Queridas Irmãs

Durante o Concílio Vaticano II, o poder do Espírito se manifestou, claramente, guiando a Igreja, na busca de caminhos novos para o povo de Deus. Levou-a “àquela total renovação interior, àquela conversão do coração, que o Evangelho chama metanoia”. (Evangelii Nuntiandi, 10). Um dos grandes dons do Espírito ao Concílio foi a certeza de que “da crescente veneração da Palavra viria um novo impulso para a vida espiritual”. (Dei Verbum, 6:26). Após o Concílio, a Igreja, constantemente, nos tem chamado a esta escuta da Palavra, que se transforma em vida. A Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras. Em seus ensinamentos, sempre estiveram em primeiro lugar a vida e palavras do Verbo encarnado. Mas, com o correr dos séculos, com a mudança das culturas a escuta da Palavra não mais marcou a vida dos filhos de Deus, com a mesma intensidade. Tornou-se uma presença opaca, fora da linguagem da vida, desconhecida para muitos.

Hoje, vivemos um momento privilegiado da história da Igreja. Devemos alegrar-nos por redescobriremos a Palavra, que se oferece, como fonte de vida como força, como perdão. Devemos louvar e agradecer a Deus por redescobriremos a Palavra,

como base da construção da comunidade, como meio de evangelização de nós mesmas e de todo o povo de Deus. Como Instituto, devemos estar alertas, atentas à voz do Espírito, que conduz a Igreja. Devemos acreditar no poder da Palavra, colocando-a como coração de nossas comunidades, nela haurindo amor e vitalidade para a missão. Digo isto, porque me parece que é para a revitalização de nossa vida comunitária que o Senhor nos conduz. Num momento, em que a Igreja ainda se maravilhava, com o impacto da nova mensagem, já nos falavam disto em nossos documentos do Capítulo de 1968. A Declaração do Capítulo de 1975 enfatizou que somos chamadas, como religiosas, a ser uma comunidade para a missão - livres para a missão do Cristo, como Ele foi livre para a missão que o Pai lhe confiou. (Lc 4,18-22). O Senhor parece nos dirigir este mesmo apelo, através dos anseios profundos das Religiosas nas diversas Províncias, através das aspirações das jovens, que desejam “vir e ver”, e através das preocupações e esperanças das Provinciais, durante o Conselho Geral Ampliado, em julho último.

Ao comemorarmos a fundação de nosso Instituto, invoquemos o nosso Fundador, que conheceu e difundiu as Escrituras, como fonte de vida. Peçamos a Virgem que nos obtenha do Pai um olhar de predileção. Que a Palavra arda novamente em nossos corações. Que a chama, por vezes, quase extinta, se reacenda, enquanto “andamos pelo caminho”, a fim de que nossas comunidades possam tornar-se para as pessoas de nossa época centros de luz, centros de vida, onde Cristo é Senhor.

O decreto da Igreja sobre a Revelação cita as palavras dos autores bíblicos às primeiras comunidades cristãs, enfatizando o poder transformador da Palavra. “A Palavra de Deus é viva e eficaz”. (Hb 4,12), “é poderosa para edificar” (Atos 20,32). Eles nos falam com uma linguagem que

compreendemos, com a linguagem familiar de uma experiência que vivemos. Quando ouvimos as Escrituras, a Palavra nos toca, nos atrai para uma misteriosa e profunda união. Cada uma de nós conhece estes momentos significativos, quando, no silêncio profundo de nossa própria vida, encontramos Deus em sua Palavra. Quando a Palavra nos levou a ultrapassar-nos, a vencer todas as barreiras, para darmos a Deus uma resposta radical.

Mais tarde, nos maravilhamos, admiramos e guardamos estes momentos em nosso coração, como o fez a Virgem. Estes momentos tornam-se pedras angulares que sustentam os momentos frágeis do nosso tempo, em que nos resta apenas a fé nua no sempiterno amor de Deus, que não podemos ver, nem sentir.

Estas experiências ajudam-nos a compreender a angústia daqueles que negaram o Deus que conheceram. Ajudam-nos a entender aqueles que O procuram onde não podem encontrá-LO.

Apesar de pessoalmente podermos falar, como São Paulo, acerca da Palavra de Deus, como comunidades, nem sempre podemos fazê-lo.

Contemplamos juntas a Palavra, que nos constroi? Nós nos encontramos com a Palavra, como comunidade? Deixamos que nossas irmãs saibam como Deus se comunica conosco? Ocultamos a Palavra? Como comunidade, falamos de Deus? Falamos de como O encontramos em nossa vida, na oração, na natureza, nos acontecimentos, no Seu povo? Temos capacidade de escuta? Temos aquela profunda atenção, que sabe perceber os meios pelos quais outros O encontram? ‘Devo proclamar a Boa Nova’, diz o Senhor de sua missão. “Eu vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai”, diz aos seus amigos. (Jo 15,15).

A Igreja em Evangelii Nuntiandi nos chama a proclamar o Evangelho:

“É impossível que alguém possa acolher a Palavra, dar sua vida pelo Reino, sem testemunhar e proclamar a Palavra. (Evangelii Nuntiandi, 24).

O Evangelho apresenta-nos inúmeras pessoas que proclamam o Cristo.

Temos o exemplo de Nossa Senhora cantando com Isabel o “magnificat”. Os pastores a todos anunciam o que os anjos lhes disseram sobre o Menino de Belém. João reconhece e proclama o Cristo, como o Cordeiro de Deus. André insiste com Simão Pedro para vir conhecer o Messias e Filipe insiste com Natanael. A Samaritana corre à sua cidade com a grande novidade!

Os Apóstolos observam a oração do Senhor e pedem-Lhe que lhes ensine a rezar. E Ele ensina. Madalena, obedecendo às ordens do Ressuscitado, vai dizer a Pedro e aos outros o que fazer.

Os discípulos no caminho de Emaús, inseguros, a fé quase extinta, experimentam um momento significativo de encontro com Ele, no partir do pão. O encontro os levou a afrontarem os temores das ameaças em Jerusalém, levou-os à radicalidade de uma nova vida. Todos estes encontraram o Cristo. E porque foi o Cristo, que, verdadeiramente encontraram, sentiram o desejo ardente de comunicar a outros a vida em Cristo.

Não sentiram apenas uma razoável boa vontade. Assim também, quando encontramos a Palavra, como comunidade, não é uma experiência qualquer que desejamos comunicar.

É uma experiência de Deus. É uma experiência que vem da oração e nos leva à oração, atingindo seu ponto forte, quando ouvimos a Palavra na celebração da Eucaristia. Não é discussão, por discussão. Técnica, por técnica. Não é uma troca de ideias, ou de reflexões, embora interessantes e enriquecedoras. “Porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em atos.” (1Cor 4, 20).

Tudo isto faz parte de nossa vida comunitária, mas a partilha de que falamos é a partilha diária ou frequente, que sustenta nossa vida. Esta vida nos leva, na alegria e na esperança, a agirmos segundo o Evangelho, transformando-nos e transformando o nosso ministério com o povo.

É uma partilha que nos faz realizadoras da Palavra e não apenas ouvintes. A Palavra de Deus pode ser para muitos encantamento, segurança e paz. Mas, a contemplação para ser verdadeira deve sempre nos levar aos outros. Serviço para ser verdadeiro deve sempre nos levar à contemplação. Por partilha queremos dizer uma comunidade de fé, contemplando a Palavra.

Uma partilha pode algumas vezes trazer apreensão. Pode nos dar a impressão de que para isto são necessárias qualidades extraordinárias. Mas as pessoas que encontramos, falando de “encontro com Cristo, no Evangelho”, os Profetas que encontramos hoje, não são pessoas com qualidades extraordinárias. São pessoas que olham e contemplam o Cristo, como nós estamos tentando fazê-lo, cada uma com sua individualidade para oferecer.

A hesitação na partilha vem do medirmos nossas possibilidades por nós mesmas, por nossa pobreza, esquecendo-nos de contemplar Aquele que fala. Começamos a nos desculpar, como os convidados da parábola do grande banquete (Lc 14,15-24).

A Palavra de Deus sempre teve muitos “resistentes”.

Em Êxodo 4, Moisés conclui sua lista de objeções com: “Ah, Senhor! Eu não tenho o dom da palavra”. Jeremias tem menos oportunidade de resistir. O Senhor lhe replica logo: “Não digas: Sou apenas uma criança: porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que Eu te ordenar.” (1,7).

Mas estes profetas se deixaram vencer pelo amor, deixaram-se cativar por Deus e assim puderam responder às urgentes necessidades de seu povo, entrando na história da salvação. Há momentos em que a presença do Senhor no mais íntimo de nossas vidas está além da expressão.

A participação então se faz, no ativo silêncio, que comunica e constroi. Mas, se nossa participação se faz pelo silêncio, que constroi, pela resistência, que não se deixa vencer, ou pela expressão e comunicação dos dons do Espírito, somos todas inspiradas pelo mesmo Espírito. É somente enraizada no Espírito, que a palavra significa. Somente enraizada no Espírito, nova vitalidade dela poderá jorrar para a vida de muitos.

Na parábola do semeador, (Mt 13, 1-23), Cristo nos fala acerca do que a vida cristã deve ser para que a semente nasça e frutifique.

Ao confrontarmo-nos com a mensagem da parábola rezemos para que, chamadas a viver a radicalidade do Evangelho, tenhamos olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para entender o que Cristo nos diz sobre os diferentes tipos de solo: à beira do caminho, no pedregulho, entre espinhos, na terra boa. A parábola nos questiona profundamente.

É o clima de nossa comunidade favorável a um crescimento na relação pessoal com Cristo, na oração? Sem relação pessoal com Cristo, não temos palavra para partilhar.

Nossa vida comunitária é vivida, sem profundidade, nos caminhos do mundo, cheios de alvoroço e excitação? É o terreno pedregoso, que abraça a semente e a sufoca? Nossa alegria é frágil, suscitada apenas por entusiasmos de retiros e encontros? Nosso desejo de seguir a Cristo pobre é sufocado por nossas riquezas, como a semente, que prometia frutos foi sufocada pelos espinhos? Somos realmente discípulas da Palavra? Nossa principal preocupação é a proclamação da Palavra, até os confins da terra? Ou estamos constantemente ao serviço de nós mesmas num grupo fechado sobre si mesmo? Como vivemos o ideal do Cristo: 30, 60, 100 por um?

Ser adulto em Cristo não é obra de um dia. É um processo e dura uma vida inteira. Não é fácil conservar o bom terreno. Exige paciência. Exige sacrifício.

A cruz símbolo da morte ao egoísmo, nunca pode ser removida de uma comunidade, que procura transformar a vida em evangelho e o Evangelho em vida. Mas nós conhecemos o Semeador e o Semeador nos conhece.

Não foi por Seu amor que nos deixamos cativar? Não foi por Seu amor, que a Ele entregamos cada parcela de nossa vida? Entregar a vida é a resposta que deve ser dada, se quisermos que nossas vidas sejam transformadas pela Palavra.

A muito afeiçoada em Cristo,
M. Lourdes

ANEXO VI

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via dei Lucchesi, 3
00187 Roma

24 de fevereiro de 1978.

Queridas Irmãs

O fato de ter conhecido as religiosas pessoalmente, ao visitar as Províncias do Instituto, torna esta carta diferente. Dirijo-me a pessoas conhecidas.

Os nomes, antes impessoais, adquiriram características próprias, transformaram-se em Irmãs, que partilham conosco, esperanças e alegrias, aspirações e anseios. Neste momento, vejo cada uma em sua originalidade, única, conhecida na profundidade de seu ser por Deus somente, este Deus, que age dentro da nossa história pessoal, nas circunstâncias concretas da vida de cada uma.

Gratidão e humildade brotam de meu coração por Ele se ter revelado a mim nas aspirações e idealismo, no sofrimento e na paciência, na pobreza e fraqueza tornadas fortes, pela fé, na fidelidade aos votos, feitos há tantos anos, por ter se revelado a mim, em tantas faces de minhas Irmãs.

Lembro-me, em especial, com orações, de todas as jovens religiosas e as menos jovens que morreram desde a nossa última visita.

Creio estar certa ao dizer que as Irmãs sentem muito vivamente a presença de Deus, neste momento do Instituto. Momento de mudança e de renovação, momento de conversão do coração. Isto é para nós motivo de alegria, de esperanças e de ação de graças.

É certo que temos nossas dificuldades, cometemos nossos erros, temos os nossos momentos de incertezas, de sentirmos nossa inutilidade, o impossível de nossa missão, o medo de “arriscar”. Mas, como o autor bíblico, devemos “encorajar-nos mutuamente, correndo com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo em Jesus Cristo, autor e consumidor de nossa fé. (Hb 12,1).

Lendo esta passagem da carta aos Hebreus, não pude deixar de sentir o otimismo do autor, sua fé e confiança de que o Cristo podia fazê-lo ultrapassar-se a si mesmo. Ele não ficaria satisfeito com a maneira de viver, excessivamente cautelosa, que nós, cristãos de hoje, temos, algumas vezes.

Sabemos que estamos cheias do poder do Espírito, contudo, tentamos reduzir o poder de Deus à medida de nossas pequenas expectativas, ou das expectativas dos outros a nosso respeito, em vez de tendermos para o “alvo”, para o qual Ele nos chama (Fil 3, 14), sem acreditarmos n’Aquele que, pela virtude do que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos. (Ef 3,20).

Ao lermos estas passagens, lembramo-nos da grande visão do Padre Gailhac para o Instituto: ‘transformar o mundo’. “Serei santificado naqueles que se aproximam de mim.” (Lev 10). Gostaria de partilhar com todas, neste momento, algumas reflexões sobre o nosso chamado a estarmos junto de Deus, em sua santidade.

Em nossos encontros comunitários, nas diversas Províncias falamos algumas vezes sobre santidade. Mas, superficialmente. De alguma forma, nós nos sentimos mais à vontade falando de outros aspectos de nossa vida, como radicalidade e pobreza.

Talvez, porque a santidade pode ser sentida, experimentada, mas, não definida. No último Conselho Geral Ampliado, a frase “obediência para a santidade” foi usada muitas vezes, quando falávamos de nossa missão, sobretudo, ao falarmos dos primórdios do Instituto e do espírito do Padre Gailhac.

Para ele santidade é sinônimo de imitação de Cristo. “Ser santa é copiar Jesus Cristo.” Quando ele falava de santidade, focalizava sobretudo os aspectos de verdade e autenticidade. Santidade é difícil de ser definida, mas isto não significa que não possamos e devamos ser santas. “Sede santos, porque Eu sou santo”, diz o Senhor. Parece simples. Esta mensagem foi novamente proclamada pelo Concílio Vaticano II.

A Igreja redescobriu, ou pareceu redescobrir que a “santidade” é a sua própria essência, que ela é chamada a ser santa por sua união com Jesus Cristo. Isto a levou a proclamar que todos os povos são chamados a, nela, participarem da santidade de Deus, de “acordo com o estado de vida de cada um”. (L.G.).

A Igreja, sempre precisando de conversão e de renovação, vive em atitude de busca. É uma Igreja peregrina. As pessoas acharam difícil aceitar a nova face do Cristo, que surgiu do Concílio. Muitos O abandonaram. Nos dias do pós-concílio foi como se a terra tivesse “tremido, as rochas fendido e o véu do templo se tivesse rasgado, em duas partes de alto a baixo”. (Mt 27,51).

A Igreja sofreu. O nosso Instituto sofreu. Com os olhos purificados pelo sofrimento, pudemos então perceber que o Cristo revelado pelo Concílio é “realmente o Filho de Deus.” (Mt 27,51).

Nos séculos que precederam o Concílio, santidade foi identificada com misticismo, com sacerdotes e mesmo com certo tipo de vida religiosa. Foi até identificada com observância monástica, com intelectualismo, com individualismo.

Longe estávamos do conceito de “povo santo” do profeta Isaías (62, 12) e mais longe ainda da santidade, plenitude da vida cristã a que todos somos chamados pela imitação da vida do Filho do Homem, crescendo em santidade, na união com o Pai, “na submissão à sua vontade”. Uma união, que chegou a seu clímax, quando “Ele, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.”

O “sede santo, porque Eu sou santo”, não foi fácil para Cristo. Embora totalmente consciente de sua missão de lembrar aos homens o destino escatológico da humanidade, em seu chamado universal à santidade, a Igreja nunca isola a santidade da realidade da vida humana, em toda a sua dureza e exigência. Lembra-nos que a santidade cristã não somente aceita o inevitável, o que escapa a nosso controle, assumindo-o, mas deliberadamente, escolhe o caminho de Cristo, como nosso caminho, verdade e vida.

No Concílio, a Igreja parece encontrar “as suas delícias” ao se ver novamente como a comunidade do Povo de Deus, em marcha, um “povo santo”. É como pessoa, vivendo no meio do povo, que ela me chama à santidade. Ela nos chama a todos à santidade, pela união de espírito e coração com todo o povo de Deus.

Cada um de nós é uma nota da grande harmonia do hino de louvor à Trindade. Convida-nos a prostrarmo-nos em adoração, na fé, diante da maravilha do mistério da presença de Deus na profundidade de cada ser humano. Esta presença do Espírito, do divino em cada uma de nós, é a semente do nosso verdadeiro ser.

Para que a semente possa crescer, frutificar tem necessidade de uma contínua resposta de fé, resposta que não pode ser dada sem a oração.

Na verdade, tal fé é oração. Para as religiosas que centralizam sua vida em Cristo, cuja vida não tem sentido a não ser numa dimensão de fé, a oração é de importância capital. Por experiência, podemos afirmar que precisamos de um constante contato com o Senhor, na oração, se quisermos continuar a viver nossa vocação em sua plenitude, se o nosso verdadeiro eu deve crescer e fortificar-se (Ef 3,20).

Compreendemos melhor nossa necessidade de oração, quando vemos Jesus, o Filho Amado, contemplando o Pai, não somente em momentos importantes de sua vida, mas também no dia a dia. Confirmamos nossa certeza de que a oração é parte essencial de nossa busca de santidade, quando vemos o exemplo de Cristo, que “De manhã, tendo-se levantado muito antes do amanhecer, saiu e foi para um lugar deserto a ali se pôs em oração (Mc 1,35).

Foi nesta revelação de si mesma, como “povo de Deus”, “guiada pelo Espírito”, que a Igreja viu que o ponto de integração da vida cristã é o encontro da santidade com a justiça. Foi assim que o Cristo, ao morrer no Calvário, integrou sua vida.

É para conseguir esta plenitude de vida cristã que a Igreja reza cada manhã para que “possamos servi-Lo em santidade e justiça, todos os dias de nossa vida”.

Os que desejam adorar o Senhor, devem adorá-Lo em espírito e verdade, conforme Jesus explicou à Samaritana, ao atraí-la à santidade. Foi esta integração de santidade e justiça, como plenitude de vida cristã, proclamada pela Igreja, iluminada pelo Espírito, que fez a terra tremer, as rochas fenderem-se e o véu do templo se rasgar em duas partes, de alto a baixo.

A santidade está no próprio ser da Igreja, em sua essência. Para sermos um “povo santo”, para participarmos de sua santidade, devemos viver mergulhadas em seu ser, alimentarmo-nos de sua seiva, partilharmos de sua vida de oração, da Palavra, que deve se tornar vida, de sua vida sacramental, do sacramento da penitência e sobretudo, participarmos da suprema união com Deus e seu povo, na Eucaristia.

Hoje, a Igreja renovando sua liturgia, faz-nos compreender a plenitude do sinal e simbolismo do Sacramento da Eucaristia, para ajudar-nos a sermos um “povo santo”.

Na medida em que vivemos esta dimensão da vida cristã, nós vivemos no coração da Igreja, este grande coração que pulsa junto ao Coração do Cristo. Sem esta dimensão, nós podemos estar na periferia da Igreja, mas, não em seu coração.

A Igreja, que revelamos aos outros, será fórmulas, talvez, mas não a presença do Cristo. Revelar a santidade da Igreja a outros é uma responsabilidade nossa, de religiosas. Podemos dizer que a nossa vocação é essencialmente eclesial.

Este aspecto de nossa vocação é um dos mais importantes e questiona profundamente as congregações religiosas e cada religioso, individualmente.

Para participarmos da santidade da Igreja devemos amá-la, como Cristo a ama. Hoje, talvez, mais do que em outras épocas, a Igreja se apresenta aos olhos do mundo, coberta de feridas e cicatrizes, resultado de seu pecado, de sua fraqueza.

Como povo de Deus, somos parte de suas feridas e cicatrizes. Quando a condenamos, ou quando a vemos condenada, devemos perguntar-nos:

Que feridas e cicatrizes somos nós em seu ser? Que mutilações lhe infligimos? Contemplando o seu corpo ferido e mutilado, podemos ter diversas atitudes: “ligar as suas feridas”, “passarmos apressadas pelo caminho”, ou, “olharmos de longe”.

Que atitude, devemos ter nós, como religiosas? Mas, vivemos também, um dos grandes momentos da Igreja, o de sua “morte-ressurreição”.

Podemos sentir o toque de Jesus em sua Igreja, este toque, que nos dá segurança. Podemos ver surgir por toda a parte os profetas de nosso tempo, guiando a Igreja por novos caminhos, estes caminhos novos, que se evidenciam na sede de absoluto, sobretudo, da juventude, neste desejo de viver o Evangelho em sua plenitude, libertando a vida cristã do peso anti-evangélico, para que ela possa revelar o perfil do Cristo, este belo perfil, emergindo do pobre e oprimido, do “povo de Deus”.

Perfil, ainda em esboço, já se desenhando na vida e morte, daqueles, que em todas as partes do mundo, fieis ao chamado da

Igreja à santidade e justiça, vivem e morrem solidários com os pobres. Pensamos em nossas próprias Irmãs. Pensamos no Instituto, que, na fé, em sua pobreza, se coloca diante do Senhor, pronto a fazer o que Ele quer, a enviar Irmãs para revelar o amor de Cristo pobre e humilde em novas áreas e, lá, encontrá-lo.

Ao sentirmos o toque de Cristo, no Instituto, voltemo-nos para Ele e supliquemos-Lhe para ficar conosco, ao longo de nossa grande jornada. Voltemo-nos para a Virgem, espelho de santidade, cantemos o seu Magnificat, seu belo hino, que antecipa o canto das Bem-aventuranças de Seu Filho.

Com toda a minha afeição,

M. Lourdes

ANEXO VII

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via dei Lucchesi, 180
00187 Roma

24 de fevereiro de 1979

Queridas Irmãs,

No processo de reformulação de nossas Constituições, somos chamadas, como Instituto, a refletir sobre a nossa identidade e missão no mundo de hoje. Durante este ano, procuraremos, juntas, redescobrir o dom de nossa vocação à vida religiosa, e, juntas, acolhermos suas exigências. Nossos documentos nos dizem: “Deus não chama uma vez por todas. A vocação é um apelo de cada dia. A formação tendo por finalidade preparar uma resposta cotidiana, deverá pois, ser permanente.” (Documentos do Capítulo Geral - 1968).

Cristo, chamando seus discípulos, nos dá os fundamentos de nosso chamado à vida religiosa. O primeiro ‘vem e vê’ do Cristo é um convite a um encontro pessoal com Ele, na fé.

É um chamado à vida em comunhão com Ele e com os irmãos. O convite a segui-LO, fazendo deles pescadores de homens, nos mostra que a vida do discípulo é uma vida de serviço.

Este serviço exige todo nosso tempo, exige um comprometimento total de nossa vida “Eles, deixando imediatamente

as redes, O seguiram”. (Mt 4,20)

O chamado de Cristo a segui-IO é um chamado à mobilidade - “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20); a confiarmos n’Ele, e não nas riquezas - “Vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus.

Depois, vem e segue-me” (Mt 19, 21); a entrarmos no mistério pascal - “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24).

Santaner, um escritor de nossos dias, diz que o ‘negue-se a si mesmo’ significa: adoção de atitudes e opções que nos expõem a sermos rejeitadas pelos outros. O seguimento de Cristo pode ter como consequência a nossa exclusão da sociedade, em que vivemos.

Pelos textos do Evangelho, podemos perceber que cada novo chamado nos leva a reafirmar, na radicalidade, a nossa opção inicial. O seguimento de Cristo é uma entrega total de nós mesmas, cuja autenticidade é testada pelo tempo. “Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres”. (Jo 21,18)

Quando respondemos ao chamado do Cristo, escolhemos fazê-lo numa comunidade religiosa.

Seguimos, pois, o Cristo, como pessoas únicas, irrepetíveis e como comunidade. A comunidade, com sua força e suas fraquezas, influencia nossa resposta pessoal ao chamado de Cristo.

O chamado a ser religiosa do Sagrado Coração de Maria foi ouvido por cada uma de nós. Nossa resposta foi sustentada e apoiada por nossas irmãs. Este chamado será ainda ouvido por muitas outras.

Que mensagem a nossa vida de religiosas do Sagrado Coração de Maria dá às jovens de hoje? Que imagem projeta a nossa comunidade? Nosso estilo de vida revela os valores que proclamamos? Deixamos perceber entusiasmo pela vida comunitária? Irradiamos alegria, como comunidade? Nosso empenho apostólico responde às necessidades de hoje? Acreditamos na força da comunidade? Vivemos uma autêntica vida espiritual?

Construímos nossa vida na fé? Estas são perguntas, que podemos nos fazer, quanto ao nosso testemunho de vida. Sempre, dentro do pressuposto de que a vocação é graça, devemos pedir novas vocações: “Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita”. (Mt 9,38)

Qual é nossa atitude em relação às vocações no ambiente em que vivemos, em nosso contacto com a juventude? Estamos convencidas de que nossa vocação é um dom maravilhoso, que deve ser partilhado com outras? As jovens de hoje aspiram por uma vida de profunda relação pessoal com o Senhor.

Em sua consagração pessoal, desejam ardentemente servir o povo de Deus e responder aos apelos da Igreja. A nossa vida de religiosas do Sagrado Coração de Maria responde a estas aspirações?

Devemos estar inseridas no mundo em que vivemos, para sermos fieis ao Senhor da história. É este mundo, que nós e as jovens religiosas que virão depois de nós, somos chamadas a evangelizar.

É neste mundo, que a Igreja se insere para responder com renovada energia aos desafios de nosso tempo, tentando recriar todas as coisas em Cristo. Cada vez mais consciente das estruturas de injustiça de nossa sociedade, a Igreja levanta sua voz, em favor dos injustiçados. A Igreja vê a necessidade de se revitalizar para acolher em seu seio a “jovem terceira Igreja” e favorecer o seu crescimento. Neste momento, toda a Igreja está numa atitude de escuta, tentando discernir a voz do Espírito que lhe fala através dos acontecimentos. Ela quer ser uma Igreja que ‘ouve e pratica’ a vontade do Pai. Ela luta para transformar palavra em vida.

Parece-me que estamos num período de transição. Estamos a caminho de uma nova humanidade, que devemos servir. Nesta época de transição, nossas opções têm todo o peso da história que se transforma. As decisões de hoje são o começo do amanhã. Neste período, em que as mortes se transformam em vida, precisamos de nossas energias criativas para recriarmos todas as coisas em Cristo. Para que possamos ser fieis ao Cristo e à história, precisamos mais do que nunca de:

- uma profunda experiência de Deus - uma contínua contemplação de Deus presente na trama de minha vida e no coração dos acontecimentos - ter uma atitude de escuta, tentando perceber a voz, que me chama a uma maior intimidade com o Senhor; que me chama a uma maior confiança, apoiando-me n’Ele e acreditando em Seu poder, que está em mim;
- simplicidade - como foi falado em minha carta do Conselho Geral Ampliado;
- disponibilidade apostólica - colocando minha

vida em missão - tendo uma atitude de abertura, sem colocar restrições aos apelos do Instituto, que nos chama a uma missão de Igreja, como o queria nosso Fundador;

- colaboração - estando inserida na pastoral da Igreja local - trabalhando em colaboração com outras Congregações no serviço da Igreja – unindo-nos aos grupos, que tentam aliviar os sofrimentos da humanidade - sendo agentes de transformação;
- sermos mulheres de alegria irradiante, de grande esperança e profunda compaixão - darmos testemunho de que Deus está entre nós.

Vivemos num tempo de exigências. A Igreja nos chama a novos horizontes, nos chama a ultrapassarmos barreiras. Por isto, peço a cada uma que reflita, seriamente, em sua formação pessoal, aproveitando-se de todas as ocasiões que lhe são oferecidas, para cada dia mais, “nos empenharmos para conquistar a meta, uma vez que também nós fomos conquistadas por Jesus Cristo.” (Fil 3, 12)

No dia de nossa festa, rezemos umas pelas outras, a fim de que possamos ser sempre fieis, como o foi Maria, nosso modelo.

Orações da

M. Lourdes

ANEXO VIII

ISTITUTO DEL SACRO CUORE DI MARIA
Curia Generalizia
Via dei Lucchesi, 3
00187 Roma

24 de fevereiro de 1980

Queridas Irmãs

“Narram os céus a glória de Deus,
E o firmamento anuncia a obra de suas mãos.
O dia ao outro dia transmite esta mensagem
E uma noite à outra noite a repete”.

Neste salmo, e em muitos outros, a liturgia celebra a glória de Deus, que se revela em suas criaturas. O salmista nos convida a nos maravilharmos com a beleza do céu e a majestosa harmonia de seu movimento.

Cada dia transmite a outro dia a grandiosa mensagem da glória de Deus e a jovem manhã proclama fielmente, a novidade da criação. Quando rezamos este salmo, percebemos que houve um povo familiarizado com o mistério de Deus, participante da história do mundo.

Um povo que andou ao ritmo do tempo de Deus. Um povo de grande paciência histórica. Um povo que deixou a Deus a liberdade de traçar planos e escolher caminhos. Foi um povo marcado por acontecimentos, sendo o maior de todos eles a irrupção de Deus, na história do povo.

Deus se fez nosso companheiro, num momento tão antigo, que antes deste momento não existe a memória dos tempos. (Gn 12) Porque sabe que deve escrever uma mesma história com Deus, o povo de Israel é um povo alerta, atento aos sinais e à hora de Deus. Ele é capaz de detectar o “tempo propício” e de ver o desígnio de Deus no sinal, que lhe é dado.

Somos tentadas a ter inveja do salmista, de sua capacidade de procurar e de encontrar Deus por toda a parte. Mas, porque somos um povo messiânico também a nós foi dada a possibilidade de escrevermos uma mesma história com Deus.

Temos nossas raízes plantadas na história do povo de Israel, e foi-nos dada a possibilidade de detectar a hora e fazer acontecer. Em seu tempo, o Filho do Homem aguardava, atentamente, a sua ‘hora’. Ele ensinou aos doze que para que um acontecimento chegue à sua plenitude, é necessário que ele aconteça no momento de Deus. “Minha hora ainda não chegou”, Ele disse a sua Mãe. E ela compreendeu.

Hoje, vivemos num mundo diferente. O tempo de Deus se tornou pedaços de tempo, enquadrados nas medidas dos homens. O tempo se tornou pressa e opressor do ritmo da natureza. E o ser humano não mais percebe a mensagem do dia, que diz a outro dia a glória de Deus. O tempo se tornou o desespero do mundo moderno: do pobre e do rico. Uns têm tempo de mais e “precisam matar o tempo”. Outros, têm tempo de menos e passam o tempo “correndo atrás do tempo”. O problema tempo está tomando proporções alarmantes, no mundo de hoje.

Reflitamos sobre o nosso tempo: Onde passo meu tempo? Com quem? Como resposta à minha vocação-missão? Como profissional? Com quem me identifico? Com os que têm tempo de

mais? Com a pessoa que precisa do tempo para ganhar o pão de cada dia? Estou familiarizada com a eternidade? Que é testemunho escatológico? “Ele pôs em seu coração a eternidade.” (Ecl 3)

As tensões que estas perguntas provocam (se as minhas perguntas estiverem radicadas na verdade) só podem ser resolvidas na dimensão da eternidade. Caminho para sempre e vivo o momento presente. Estar totalmente presente ao momento dos homens e ao momento de Deus, não se faz sem lutas. A luta é característica minha. Para não ser um eu partido, devo integrar o momento presente, com o momento passado, unificando-os em Deus.

Devo ser alguém que compreende e assume o passado. Se não quiser tornar-me estátua de sal, só devo voltar ao passado, segura na mão de Deus, avaliando tudo o que me aconteceu com o puro olhar do Senhor. Devo ser alguém que vive intensamente o presente, alguém que se abre à esperança e confia no futuro. Para atingir a plenitude e a pacificação do meu eu, devo me deixar formar pelo Senhor da Hora. Devo viver com Ele esta ‘hora’ numa tal comunhão de ideal, que fará de minha história uma só história com Deus. Isto só se fará pelo poder do Espírito. Só no amor e no poder do Espírito, posso viver plenamente esta ‘hora’ de tremendas exigências para todos os comprometidos com o Senhor dos tempos.

“Para cada coisa há um momento - tempo para atirar pedras e tempo para ajuntá-las.” (Ecl 3) Embora estejamos vivendo no ‘pior dos tempos’, vivemos também no ‘melhor dos tempos’, porque somos pessoas capazes de orientar os acontecimentos e influenciar a história. Regozigemo-nos e nos alegremos! Lado a lado com a rápida sucessão dos acontecimentos - e, talvez por causa deles - o ser humano moderno procura, ansiosamente, encontrar a sua identidade, aprofundar suas raízes.

De onde venho? Quem sou? Onde está Deus? Como posso encontrá-Lo? São perguntas que se fazem. Procurando não se esquecer de sua identidade, uma imigrante pede a sua família que lhe envie um ‘punhado de sua terra natal’. Para me lembrar sempre de quem sou. Diz ela. Uma religiosa reza: “Possa o louvor saído do mais íntimo de minha alma africana, chegar até Vós, Senhor”. A imigrante e a africana rezam a oração do povo que representam.

Foi o ‘Cenáculo’ do Vaticano II e não o ‘remar’ nos mares dos tempos, que despertou na Igreja esta sede de identidade. O Vaticano II levou a Igreja a contemplar os seus fundamentos e voltar às suas origens. Levou a Igreja a contemplar um mundo, que se sentia traído por ela e que pedia compaixão. Não era possível deixar de ouvir a voz do vento que revolucionava a Igreja, exigindo que ela deixasse o bordão, a bolsa e a túnica (Lc 9) desgastados pelo tempo. A Igreja devia recomeçar a caminhada porque, pelos caminhos, ela tinha perdido as pessoas a ela confiadas. Deveria ter os olhos ‘fixos’ em Jerusalém, o andar ‘ligeiro’. Deveria estar atenta aos sinais de Deus para não se extraviar.

É pela Igreja, em suas raízes e pelo clamor de seu povo, que somos chamadas a voltarmos a nossas fontes, a nossa inspiração original, ao carisma, que nos trouxe à vida. Esta volta é necessária, se quisermos que a Igreja brilhe no esplendor de sua missão, na delicada beleza de cada um dos seus detalhes, para que ela se torne novamente, ‘capacitada para toda boa obra’. (II Tim 3,17) E as Congregações religiosas – vangloriemo-nos no Senhor - foram fieis ao apelo da Igreja. Fieis, como sempre o foram, nos momentos difíceis e tempestuosos. A experiência mostrou que esta fidelidade exigiu renúncia, fê profunda e grandes sofrimentos.

As Congregações perceberam que entre o ‘hoje’, que estamos vivendo e, o ‘ontem’ de nossas origens, muita poeira havia se acumulado. A distância e a caminhada fizeram-nos perder a perspectiva original.

Nosso Instituto não escapou a este sofrimento. Mas, agora, já se prenuncia a aurora e já desponta a alegria da manhã. (Sl 30) Somos um Instituto em ‘devir’. Escrevemos nosso futuro, escrevendo nossas Constituições. Estejamos atentas ‘ao momento’. Saibamos perceber os ‘sinais de Deus’ na Igreja, no Instituto, no mundo. Rezemos pedindo um grande amor a nosso Instituto. Não nos contentemos com um amor qualquer, nem nos acomodemos com o amor que já existe.

Que nosso amor seja um amor forte, comprometido, um amor-fé-confiança no futuro. Um amor que nos faça desejar para nosso Instituto somente a vontade e o desígnio de Deus. Um amor, que nos leve a assumir nosso Instituto, seja qual for o momento que ele esteja vivendo. Este amor nos dará coragem, sabedoria e discernimento para caminharmos no tempo, em direção ao passado, lá encontrando nossos Fundadores e, com eles, reaprendendo a inspiração original, que nos deu vida.

Na força deste amor, caminharemos em direção ao futuro, trazendo para a vida de hoje aquela inspiração primeira. Em nossas raízes beberemos aquela seiva forte que alimentará novos frutos de vida. Nosso amor dará a nosso Instituto a beleza de Deus. Ele será vivificado por nossas vidas. Por nosso trabalho, ele atingirá a plenitude, na missão que nos foi confiada.

Rezemos, especialmente, por todas estas intenções durante a missa do dia 24 de fevereiro, estejamos onde estivermos. Coloquemos, na patena, nosso passado e nosso futuro, como oferenda de nosso presente.

Possa a Virgem, abrir-lhes Seu Coração e partilhar com cada uma a total compreensão da Hora de Seu Filho. Possa o Senhor confirmá-las em sua consagração. Ele, que é o hoje, o ontem, o amanhã, o sempre.

Um grande abraço da

M. Lourdes

Índice

Introdução Geral.....	05
-----------------------	----

Capítulo I

Um mundo e uma igreja em transição - 1975 - 1980.....	08
---	----

A) Situação de um mundo dilacerado e da Igreja-1971-1979.....	17
---	----

Tabela I - O Documento de Medellin.....	27
---	----

B) O Mundo da Vida Religiosa -1975-1980.....	30
--	----

Tabela II - Situação do Instituto.....	35
--	----

Capítulo II

Situação do Governo Geral neste momento histórico.....	42
--	----

Tabela III - O Documento de Puebla.....	51
---	----

Capítulo III

A vida do Instituto: Pontos mais importantes e desafios enfrentados.....	54
--	----

Capítulo IV

Envolvimento da liderança do Instituto com as correntes e organismos da Igreja.....	56
---	----

Capítulo V

Relacionamento com as Províncias: Mudanças, Ministérios, Trabalho, Estilo de Vida.....	59
---	----

Capítulo VI

Pessoas significativas na vida do Instituto.....65

Capítulo VII

Rápidas mudanças nas sociedades onde estamos inseridas.... 68

Capítulo VIII

Momentos significativos durante os anos 1975 - 1980.....71

Anexos

Anexo I

Missão - Um apelo à Justiça.....81

Anexo II

Carta Circular - 22/08/1975..... 86

Anexo III

Carta Circular - 27/11/1975..... 89

Anexo IV

Carta Circular - Janeiro de 1976..... 93

Anexo V

Carta Circular - 24/02/1977..... 96

Anexo VI

Carta Circular - 24/02/1978..... 103

Anexo VII

Carta Circular - 24/02/1979.....111

Anexo VIII

Carta Circular - 24/02/1980.....116



Instituto do Sagrado Coração de Maria Província Brasileira
cfontes@rscmb.com.br - www.rscmb.com.br